

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

WILLIAN LIMA MELO

INDICATIVOS SOBRE O CAMPO CIENTÍFICO DA COMUNICAÇÃO:
uma análise da produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa
entre os anos de 2004-2013

RECIFE
2015

WILLIAN LIMA MELO

INDICATIVOS SOBRE O CAMPO CIENTÍFICO DA COMUNICAÇÃO:
uma análise da produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa
entre os anos de 2004-2013

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Área de Concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Visualização da Memória.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia.

RECIFE

2015

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

M528i	<p>Melo, Willian Lima</p> <p>Indicativos sobre o campo científico da comunicação: uma análise da produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa entre os anos de 2004-2013 / Willian Lima Melo. – Recife: O Autor, 2015. 101 f.: il., fig.</p> <p>Orientador: Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2015.</p> <p>Inclui referências e apêndice.</p> <p>1. Ciência da informação. 2. Comunicação. 3. Pesquisas. 4. Ensino superior – Pesquisa. 5. Sociologia do conhecimento. I. Correia, Anna Elizabeth Galvão Coutinho. II. Título.</p> <p>025.4 CDD (22.ed.)</p>	UFPE (CAC 2015-117)
-------	--	---------------------



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

WILLIAN LIMA MELO

Indicativos sobre o campo científico da comunicação: uma análise da produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa entre os anos de 2004-2013

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 26/02/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª D^{ra} Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª D^{ra} Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco



A Deus, à minha família e aos meus queridos e verdadeiros amigos.

AGRADECIMENTOS

Pela paciência em tentar entender minhas angústias emocionais e intelectuais, agradeço à minha orientadora, Prof.^a Anna Elizabeth. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPE e ao quadro de servidores técnicos que dele fazem parte, especialmente à Suzana Wanderley, pelo acolhimento e incentivos

À Prof.^a Isaltina Gomes e ao Prof.^o Fábio Mascarenhas, pelas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À Prof.^a Leilah Bufrem dedico um agradecimento mais que especial, por toda sua ajuda, companheirismo, ética e profissionalismo.

Agradeço à Prof.^a Sandra Nunes, ao Prof.^o Josealdo Tonholo, à Prof.^a Sílvia Uchoa e à Janesmar Cavalcanti, por serem grandes mestres e incentivadores da minha carreira acadêmica.

Aos amigos discentes que com carinho carregarei na lembrança por longas datas, em especial à Andrea Marinho, à Maria Falcão, à Gisele Teixeira, à Bruna Laís, ao Jairo Viana, à Marcela Lino, à Danielly Pontes, à Rosiane Souza, ao Natan Sobral, à Carine Neves, ao Marcio Ferreira e ao Guilherme Alves.

Particularmente, à Roseane Souza por demonstrar sua amizade por mim não só nas horas divertidas e enriquecedoras, mas também nas ocasiões extremas e tristes ao qual enfrentei.

À Prof.^a Ângela Moura pelas contribuições teóricas.

À Giane da Paz pela sensibilidade diante das angústias que enfrentei na pós-graduação.

Aos amigos alagoanos, reservo também minha gratidão, sobretudo aos que souberam aproveitar minhas pontuais presenças nesses dois últimos anos. Agradeço à Ana Azevedo, à Iracema, ao Alan, ao Alex Felipe, ao Felipe, ao Victor Lins, ao Orlando Pimentel, ao Jasmelino Viana, ao Chedy Ben, à Ceres Louise, ao Izaac Alencar, à Roseane Lopes, à Rosane França, à Ana Eliza, à Helena Barros, à Roberta Julianny, ao Antônio Barbosa, Lyana Munt e Lyara Munt.

A minha noiva, Izadora García, não apenas agradeço, mas assumo uma dívida que infelizmente não tenho como retribuir, a não ser dedicando amor cada dia mais.

À nova família que adquiri: Vânia García, Elis Lopes, Newton García, Linaura Machado, Girlene Machado, Raul Brodt, Elton García, Grazy Loreta e Ney Lopes.

Agradeço à Emanuelle Rodrigues e à Laís Almeida que, assim como eu, persistem e investem dignamente na carreira acadêmica.

Sou grato a minha família materna e paterna por me acompanharem, oferecendo apoio e sempre comemorando minhas conquistas nesta trajetória, em especial à Geysa Loren, Iolanda Alves e Alice Lira.

Reservo minha eterna gratidão a minha mãe, Maria Cristina, meus irmãos, Priscila Lima e Pedro Henrique, e meus amados cachorros (quase irmãos), Bob e Melissa, pelo apoio, carinho e paciência que ultrapassaram qualquer limite.

RESUMO

É proposto o debate sobre a realidade científica atual, apontando que a constituição do campo da Comunicação é realizada por meio de diversas colaborações intelectuais erguidas estrategicamente. Em cada ação, é demonstrada a intencionalidade cognitiva presente nos autores. O campo científico da Comunicação é dotado de relativa autonomia, estabelece dependência com outros campos. A política científica brasileira é um exemplo disso, pois atua visando incentivar o desenvolvimento científico e os recursos humanos especializados para o alcance do progresso do país. O presente trabalho tem o objetivo de relacionar a produção dos bolsistas PQ 1 no período de 2004-2013 à caracterização do campo científico da área de Comunicação no Brasil. A pesquisa é de cunho exploratório qualitativo sobre a temática e se utiliza do emparelhamento como estratégia de análise. Apresenta indicativos que ajudam a interpretar o campo científico da Comunicação, derivado das relações sociais dos agentes participantes, bem como de suas produções. Sobre os resultados, é visto que a totalidade de bolsistas de produtividade pesquisados desenvolveu, no período de 2004-2013, 3548 produções científicas. Esse universo é composto por 1331 capítulos de livro (37%); 1171 artigos em periódicos (33%); 626 trabalhos em anais de congresso (18%); e 420 livros (12%). Das 1171 publicações em periódicos, apenas 26 revistas científicas tiveram recorrência maior ou igual a 10. Foram 236 produções em 16 periódicos classificados como B1 (61%); 198 artigos divulgados em 6 revistas científicas de estrato A2 (23%); 27 trabalhos em revistas B2 (4%), 13 artigos em revistas B3 (4%), 13 produções B4 (4%); e 11 publicações em 4 periódicos de qualis A1 (4%). Considera que o levantamento das informações ajudou a entender o funcionamento do campo científico da Comunicação, ponderando que as ações de conhecimento e reconhecimento dos agentes do campo não são fortuitas.

Palavras-chave: Bolsistas de produtividade em pesquisa. Campo científico. Política científica. Sociologia do conhecimento. Comunicação.

ABSTRACT

This dissertation aims to debate about the current scientific reality, as it shows that the constitution of the Communication's field is constructed by many intellectual collaborations strategically built. In each action, the cognitive intentionality that is attached to every author is demonstrated. The scientific field of Communication has relative autonomy, since it establishes dependency with other fields. The Brazilian scientific policy is an example of it because it works with the goal of encouraging the scientific development and the human resources as a form of progress. This dissertation aims to connect the PQ1 fellow's production, in the 2004-2013 period, to the Communication scientific field's characterization in Brazil. The research is qualitative and exploratory and it uses pairing method as analysis strategy. It presents indicators that help to understand the Communication's scientific field as a product of social relations between participating agents and their productions. On the results, it is shown that the totality of productivity fellows developed, between 2003 - 2014, 3548 scientific production. This universe consists of 1331 book chapters (37%); 1171 journal articles (33%); 626 jobs in the annals of conferences (18%); and 420 books (12%). Of 1171 publications in journals, only 26 journals had higher recurrence or equal to 10. There were 236 productions in 16 journals classified as B1 (61%); 198 articles published in scientific journals 6 stratum A2 (23%); 27 works in B2 magazines (4%) 13 B3 articles in journals (4%) 13 B4 productions (4%); and 11 publications in journals 4 qualis A1 (4%). It cogitates that the data collection of the information helped to understand the functioning of the scientific field of Communication, considering that the actions of knowledge and recognition of field agents are not random.

Keywords: Productivity in research fellows. Scientific field. Science policy. Sociology of knowledge. Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Composição do espaço.....	27
FIGURA 2	Apreensão de características do campo da Comunicação.....	45
FIGURA 3	Emparelhamento do objeto de estudo com a teoria.....	47
QUADRO 1	Características apreendidas: resultados emparelhados.....	78
GRÁFICO 1	Crescimento do número de Doutores.....	34
GRÁFICO 2	Bolsistas PQ 1 em Comunicação: Doutores e Pós-Doutores.....	56
GRÁFICO 3	Denominação das Instituições de Ensino Superior em que os bolsistas PQ 1 em Comunicação estão vinculados.....	57
GRÁFICO 4	Instituições vínculo dos bolsistas PQ 1 em Comunicação.....	57
GRÁFICO 5	Quantitativos de bolsas PQ 1 em Comunicação, distribuído por categoria.....	59
GRÁFICO 6	Ano de início - atividades acadêmicas vinculadas ao Programa de Bolsa de Produtividade do CNPq.....	60
GRÁFICO 7	Produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Brasil.....	61
GRÁFICO 8	Estrato qualis dos periódicos científicos analisados.....	62
GRÁFICO 9	Denominação das IES dos bolsistas PQ 1: Regiões.....	66
GRÁFICO 10	Distribuição dos bolsistas PQ 1, por região.....	67
GRÁFICO 11	Quantitativos de bolsas PQ 1 em Comunicação, distribuídos por categoria: Regiões.....	68
GRÁFICO 12	Bolsistas PQ 1 em Comunicação – Doutores e Pós-Doutores, por região.....	69

GRÁFICO 13	Produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Regiões.....	70
GRÁFICO 14	Estrato qualis dos diferentes periódicos científicos recorrido pelos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Regiões.....	72

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Período de atualização das informações.....	55
TABELA 2	Periódicos mais recorrentes (≥ 10): Brasil.....	63
TABELA 3	Quantitativo de artigos publicados e estrato qualis: Regiões...	71
TABELA 4	Periódicos mais recorrentes (≥ 5): Regiões.....	73
TABELA 5	Quantitativo de artigos em comparação com quantitativo de periódicos.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA – Bahia

BJT – Atração de Jovens Talentos

BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação

C&T – Ciência e Tecnologia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAs – Comitês de Assessoramento

CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CT&I – Ciência, Tecnologia e Inovação

DAS – Direção e Assessoramento Superior

DCR – Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional

DF – Distrito Federal

DT – Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora

ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing

EUA – Estados Unidos da América

FAPs – Fundações de Amparo à Pesquisa

IES – Instituições de Educação Superior

ISI – *Information Sciences Institute*

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

MG – Minas Gerais

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

PACTI – Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional

PDI – Pós-doutorado Empresarial

PDJ – Pós-doutorado Júnior

PDS – Pós-doutorado Sênior

PNPG – Plano Nacional de Pós-Graduação

PPG – Programa de Pós-Graduação

PQ – Produtividade em pesquisa

PQ-Sr – Produtividade Sênior

PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PV – Pesquisador Visitante
PVE – Pesquisador Visitante Especial
RJ – Rio de Janeiro
RN – Resolução Normativa
RS – Rio Grande do Sul
SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SC – Santa Catarina
SciELO – Scientific Electronic Library Online
SP – São Paulo
SWI – Doutorado Sanduíche Empresarial
SWP – Doutorado-sanduíche no País
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UF – Unidade da Federação
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UMESP – Universidade Metodista de São Paulo
UNB – Universidade de Brasília
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	CIÊNCIA, ESPAÇO SOCIAL E A NOÇÃO DE CAMPO.....	20
2.1.1	Estudos mertonianos: a ciência como uma instituição social e o <i>éthos</i> científico	21
2.1.2	Bourdieu e a problematização do campo científico	24
2.1.2.1	Capital científico como capital simbólico específico e a presença de conflitos.....	27
2.2	CIÊNCIA, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO.....	30
2.2.1	Produção e produtividade	35
2.2.2	A política científica institucional do país	36
2.2.3	A área de Comunicação no Brasil	39
2.3	O CAMPO DA COMUNICAÇÃO: intencionalidade cognitiva <i>versus</i> capital simbólico.....	42
2.4	EMPARELHAMENTO (TEORIA E EMPIRIA).....	46
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	51
3.1.1	Pesquisa exploratória	51
3.1.1.1	Análises qualitativas.....	51
3.1.1.2	Emparelhamento.....	52
3.2	CONTEXTO DA PESQUISA.....	52
3.3	MÉTODOS E PROCEDIMENTOS.....	53
4	RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS	56
4.1	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA: Brasil.....	56
4.1.1	Bolsistas PQ 1: categorias, ano de início das atividades e produção científica	59
4.2	RESULTADOS DA PESQUISA: por regiões.....	66

4.2.1	Bolsistas PQ 1: distribuição, categorias, produção científica.....	68
4.3	RESULTADOS EMPARELHADOS.....	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A – Lista dos periódicos científicos (recorrência e estrato qualis).....	92

1 INTRODUÇÃO

A inicialização sistemática dos estudos de Comunicação foi enérgica, no entanto, houve perda de impulso logo em seguida. Com isso, o estatuto teórico da área ficou fragilizado (LOPES, 2010). Os estudos de Braga (2010) parecem partilhar da observação levantada por Lopes (2010), os mesmos chegam a indagar se a Comunicação seria uma disciplina ou um campo (no sentido de reconhecimento de uma interdisciplinaridade no exercício investigativo do fenômeno comunicacional). O que é evidenciado por Braga (2010) é a necessidade de tentativas intelectuais que possam melhor constituir o campo da Comunicação. No entanto, o próprio encara isso como um desafio, visto que, segundo ele, ainda não existe uma constatação de um conhecimento (consensual) real sobre os fenômenos comunicacionais.

De fato, trata-se de um processo em desenvolvimento que não estabelece precisões para ser concluído. O que se ressalva é a necessidade de tentativas intelectuais que concorram à validade científica e que constituam, ou persistam para obter, um desenho teórico formal para a Comunicação. A Ciência é desenvolvida a partir de interações em um espaço social específico: o campo científico (BOURDIEU, 1983). Ela é considerada fruto de uma colaboração social, ou seja, depende da atividade coletiva de um grupo para emergir (MERTON, 2013). Os agentes que compõem o campo científico são os responsáveis por atribuir características variadas a este espaço. No campo científico da Comunicação não é diferente, essa constituição peculiar acontece devido à obediência das ações promovidas pelos agentes/instituições que ali estão presentes.

Morel (1979, p.8) afirma que a promoção da ciência é efetivada por indivíduos que exercem atividades específicas que dizem respeito a suas especialidades. A autora completa que esses indivíduos são “[...] motivados por valores (a criatividade, a busca do conhecimento, o Saber) que, por sua vez, os levam a se conformarem com determinadas lógicas (publicar trabalhos, prestar exames e concursos etc.)”. Recorre-se a lembrança de que em um campo existe uma lógica própria de funcionamento, uma lógica pautada no sistema de conquista, acúmulo e perda de capital científico entre os agentes/instituições. Existe, no campo, um sistema social particular que é responsável por configurar uma identidade própria ao mesmo (BOURDIEU, 2008).

O capital científico¹ é baseado em dois pontos: conhecimento e reconhecimento. Bourdieu (2004, p.26) comenta que esse capital “[...] consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico [...]”, assim sendo, reconhecer um sistema de acúmulo de capital científico é reconhecer que os agentes e instituições presentes no campo partilham de um ideal de luta por reconhecimento, mesmo que essa partilha pouco transpareça, ou pouco deixe transparecer (BOURDIEU, 2012b).

O contexto da luta não é gratuito, possui justificativas. Para Bourdieu (2004), ele tem sua validade na busca por recompensas internamente e externamente ao campo científico. E, ao recordar que a ciência é hoje uma instituição e que não progride mais seguindo exclusivamente suas pretensões, mas dialogando com outros campos (político; econômico), chega-se ao entendimento que a ciência assume hoje uma perspectiva transversalista. (SHINN; RAGOUET, 2008).

A característica do diálogo da ciência com a sociedade (economia, política etc.) está presente no discurso de Merton² (2013, p.181). O autor defendia que a sociedade foi responsável pelo ataque frontal à autonomia científica em que foi proposto um processo de reavaliação de *status* da ciência feita pelos homens, com isso, foi preciso “[...] reexaminar seus [da ciência] fundamentos, restabelecer seus objetivos, buscar seu princípio. A crise convida [a ciência] à autoavaliação”. Após esse processo, fica constatada a ideia de ciência como uma instituição social, que não se finda por seus próprios objetivos, mas que se insere e se corresponde com a sociedade.

De fato, tudo leva a crer que a ciência não é autônoma em suas finalidades, uma vez que é provocada a possuir relações com o social (MERTON, 2013). Indo além de Merton, Bourdieu (2004) afirma que a ciência não é uma instituição independente financeiramente para alcançar suas finalidades, com isso, vê-se configurada a característica de relativa autonomia, ou seja, uma instituição que é dotada de ação, porém não tem total autonomia (SCHWARTZMAN, 2008).

E é configurando sua relativa autonomia e sua característica transversal que a ciência mostra ser sensivelmente passível à influência e poder de outros campos que nela possuem interesse (político e econômico, por exemplo). Neste contexto,

¹ Capital simbólico específico do campo científico (BOURDIEU, 2008).

² Texto original de 1942.

lutas internas num campo científico (e suas respectivas conquistas/ou perdas de capital simbólico) ganham significado.

Essa última afirmação recebe força ao explicitar a política científica adotada no Brasil, que é pautada na valorização da ciência e de recursos humanos especializados como via de alcance do progresso. Segundo Morel (1979), a institucionalização da política científica brasileira ocorre com a criação – e a adoção de suas respectivas políticas científicas – da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 15 de jan. de 1951. Graças a isso, hoje é comum se deparar com políticas de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), Ciência e Tecnologia (C&T), e Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I).

Benéfico ou não, o sistema político científico brasileiro está configurado dessa maneira e, em consonância, a Ciência está progredindo (BRAGA, GUERRA, REIS, 2008b). Especificamente, o trabalho dedicará atenção às produções científicas de um grupo seletivo de pesquisadores beneficiados pela política científica de fomento adotada pelo CNPq, por meio do programa de produtividade em pesquisa (PQ). No desenvolver desta pesquisa, estavam em curso 131 bolsas de produtividade, distribuídas a pesquisadores da área da Comunicação localizados em diferentes regiões do país. Especificamente, este estudo teve como objeto de pesquisa as produções científicas dos 53 pesquisadores PQ 1.

Assinala-se que o supracitado benefício está inserido em uma política de distribuição característica, em que são levados em consideração pelos Comitês de Assessoramento (CAs), responsáveis pela indicação dos candidatos à bolsa PQ, indicadores que dizem respeito à produção científica dos pesquisadores³ pretendentes. Em outros termos, O CNPq utiliza de uma pauta política meritocrática para escolher os beneficiados do Programa de Bolsa de Produtividade.

Resultado das atividades dos agentes e instituições científicas, a Ciência vem se caracterizando, considerando o contexto da luta, do interesse, da transversalidade, da troca (mérito e benefícios). E, com base nestes aspectos, tem-se como objetivo relacionar a produção dos bolsistas PQ 1 no período de 2004-2013

³ Informações compartilhadas e depois disponibilizadas no Currículo Lattes - Plataforma Lattes, ferramenta específica do CNPq para mensuração de informações relativas a atividades científicas-acadêmicas.

à caracterização do campo científico da área de Comunicação no Brasil. Para tanto, define-se como objetivos específicos:

- identificar os pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa nível 1 do CNPq da área de comunicação no Brasil;
- caracterizar as produções dos pesquisadores bolsistas PQ 1 (livros, capítulos de livro, artigos em periódicos, trabalhos em anais de congresso);
- detalhar informações sobre o perfil do pesquisador (gênero, instituição que o pesquisador vinculado, formação acadêmica, etc.) bem como de sua produção científica (quantitativo de produção, periódicos utilizados para publicação, estrato qualis das revistas recorridas).

O problema de pesquisa aqui apresentado é fundamentado na crença de “[...] que informações suplementares podem ser obtidas a fim de cercá-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou eventualmente contribuir para sua resolução” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.88). A partir disto, questiona-se: é possível obter indícios sobre o campo científico da área de Comunicação por meio da análise da produção científica dos bolsistas PQ 1? Para tanto, além de identificar os pesquisadores, é necessário transformar o quantitativo referente à produção científica em indicadores que ajudem a compreender a lógica de funcionamento deste campo específico.

Foi tido como hipótese que a produção científica do grupo específico estudado carregava indícios de características presentes no campo científico da Comunicação.

A pesquisa demonstra aspectos multidisciplinares e reconhece na Ciência da Informação a potencialidade de alcance dos objetivos pretendidos. A justificativa do presente estudo tem motivação na importância de trazer para a Ciência da Informação discussões sobre a possibilidade de apreender características pontuais do campo científico, principalmente as que dizem respeito às relações entre os agentes do campo estudado. De perspectiva mais genérica Guimarães, Gracio e Matos (2014) justificam que por meio de estudos como este, pode-se identificar, evidenciar e visualizar a distribuição científica dos bolsistas de produtividade, levando em consideração a relevância e contribuição das pesquisas geradas pelos pesquisadores para o desenvolvimento da Ciência.

O trabalho está dividido em quatro seções. A primeira diz respeito ao referencial teórico, que contribuiu para a análise do objeto empírico. Nele estão inseridas discussões a respeito do *éthos* e a Ciência, do campo científico, do capital simbólico específico contido neste espaço, e da política científica adotada no Brasil e suas consequências. A metodologia é apresentada na segunda parte e traz as estratégias utilizadas para o alcance dos resultados da pesquisa. Indica o tipo de pesquisa e o contexto em que a mesma está inserida.

Sendo apresentados na penúltima seção do trabalho, os resultados trazem apontamentos sobre a produção científica dos bolsistas PQ 1 entre os anos de 2004 até 2013. Esta parte é subdividida em duas: a primeira diz respeito aos resultados em nível nacional, a segunda pormenoriza estes, detalhando-os em regiões específicas (Sudeste; Sul; Nordeste; Centro-Oeste).

As considerações finais encerram esta dissertação, trazendo julgamentos realizados com base nos indicativos levantados, demonstra as dificuldades enfrentadas no decorrer do estudo e aponta possíveis prosseguimentos da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Pode-se afirmar que a seleção e apreciação do referencial teórico são capazes de afinar as perspectivas teóricas, precisar e objetivar o aparelho conceitual (LAVILLE; DIONNE, 1999). Circundando o objeto de investigação e o problema proposto, e na tentativa de alcance de uma reflexão crítica sobre a particularidade de uma realidade empírica específica, que, no caso, diz respeito à microssociologia presente no campo científico da Comunicação no Brasil, é apresentado nesta seção o referencial teórico escolhido e os temas a serem desenvolvidos.

Por ser a parte periférica do referencial teórico, a seção Ciência, Espaço Social e a Noção de Campo trará discussões, que possuem como pressuposto, a característica de que a Ciência se desenvolve num espaço social particular, em que, para alguns autores, é idealizado o alcance de padrões de lisura das práticas científicas, e, para outros, a demonstração do fato desse espaço ser suscetível à luta, a troca e ao desgaste.

Em continuidade e trazendo pontos mais específicos, o tópico de Ciência, Sociedade e Desenvolvimento vai desde as noções iniciais sobre a autonomia científica (ou relativa autonomia) até contextualizações particulares sobre a Ciência produzida no Brasil, finalizando com a área da Comunicação.

O ponto central deste referencial direciona atenção para O Campo da Comunicação: intencionalidade cognitiva *versus* capital simbólico. É, de todos, o mais específico, enfatizando por meio de algumas referências que a caracterização do campo científico é um processo dependente da tentativa de validação da informação científica intencional dos agentes que compõem o campo.

2.1 CIÊNCIA, ESPAÇO SOCIAL E A NOÇÃO DE CAMPO

A sociologia do conhecimento começou a despontar como objeto de investigação no início do século XX, sendo a França, a Alemanha e os Estados Unidos seus primeiros representantes. É reconhecido que foi na Alemanha que a terminologia “sociologia do conhecimento”⁴ começou a ser usada de forma estrita,

⁴ O termo era utilizado com as grafias “*Soziologie des Erkennens*” e “*Wissenssoziologie*” que, em tradução livre, significa Sociologia do Conhecimento. (BURKE, 2003).

dentre os reconhecidos autores sobre a temática⁵ encontram-se: Karl Marx, Marx Weber, Max Scheler e Karl Mannheim. Na França, são notórios os nomes de Auguste Comte, Émile Durkheim, Marcel Mauss e Marcel Granet. Nos Estados Unidos da América (EUA), a pragmática filosofia crítica sobre a realidade (semiótica) consideravelmente explorada por Charles Sanders Peirce e Jonh Dewey colaborou para que Thorstein Veblen fosse seminal autor interessado pela sociologia do conhecimento (BURKE, 2003).

Tendo uma notória decadência de números de trabalhos produzidos após sua aparição (BURKE, 2003; MERTON, 1977), a sociologia do conhecimento ressurgiu por meio dos estudos de Merton, desenvolvidos entre os anos de 1930 e 1960. Burke (2003) assinala que Merton conseguiu ser reconhecido por alguns autores como figura mais notável nos estudos sobre a Ciência e a sociologia do conhecimento.

2.1.1 Estudos mertonianos: a Ciência como uma instituição social e o *éthos* científico

A característica colaborativa necessária para o desenvolvimento da Ciência e suas relações com a sociedade foi temática pontual nos estudos de Merton (2013), como por exemplo, no ensaio “A ciência e a estrutura social democrática”, publicado originalmente no ano de 1942. Ao indicar a Ciência como uma instituição social, Merton (2013), inicialmente, circunscreve a mesma em um espaço dependente de relações sociais e cognitivas dos agentes que nele se inserem. Porém, houve períodos que as atividades realizadas e validadas neste espaço mostraram-se potencialmente ameaçadoras, ou seja, autonomia científica conseguiu ser capaz de fazer da sociedade uma vítima de seus resultados.

Realizando um ataque frontal à autonomia da Ciência, a sociedade conseguiu apontá-la como instituição suscetível à revisão de fundamentos, finalidades e explicação racional. A nova Ciência, portanto, deve procurar ser mais harmônica com os interesses sociais, de modo que a mesma passe a beneficiar a sociedade.

⁵ Na Alemanha, a discussão referente a sociologia do conhecimento girava em torno da “sociologia das ideias” que estavam “[...] ora seguindo as ideias de Karl Marx, ora delas divergindo”. (BURKE, 2003, p. 14).

Por integrar uma parte da complexa rede responsável pela caracterização da Ciência, o perfil do cientista foi um conceito explorado por Merton (2013). O autor apresenta um conjunto de idéias que devem sustentar o *éthos* científico, fundamentando com isso as práticas executadas pelo cientista e sua comunidade.

O *éthos* científico “[...] é esse complexo afetivamente modulado de valores e normas que se considera serem obrigatórios para o homem da ciência” (MERTON, 2013, p.183). Ainda segundo o autor, estes “valores” e “normas” são expressos por meio de imperativos necessários no desenvolver científico. Fazem parte do conjunto desses imperativos o universalismo, o comunismo, o desinteresse, e o ceticismo organizado.

Sob a ótica do imperativo universalismo, a Ciência deve valorizar a impessoalidade. Segundo Merton (2013, p.186), “a aceitação ou rejeição das alegações que são consideradas científicas não devem depender de atributos pessoais ou sociais de seus protagonistas, sua raça, nacionalidade, religião, classe e qualidades pessoais são irrelevantes”. A vantagem do universalismo é agregar à Ciência o sentido da impessoalidade, no entanto, a Ciência é resultado de uma parte integrante inserida numa estrutura social maior. Para Merton (2013, p.186, grifo do autor):

Quando a cultura mais ampla se opõe ao universalismo, o *éthos* da ciência fica sujeito a sérias restrições. O etnocentrismo não é compatível com o universalismo. Particularmente em tempos de conflito internacional, quando a definição dominante da situação busca enfatizar lealdades nacionais, o homem da ciência está sujeito aos imperativos conflitantes do universalismo científico e do particularismo etnocêntrico.

Outro imperativo é o comunismo científico, que partilha da ideia de que descobertas significativas no campo da ciência são derivadas da colaboração social. Se a partilha do conhecimento, antes desenvolvido pelos pares, é uma determinante para novos resultados científicos, nada mais justos que estes mesmos avanços sejam divididos, constituindo uma herança comum. Para Merton (2013, p.192):

A concepção institucional da ciência como parte do domínio público está ligada ao imperativo da comunicação de resultados. O segredo é a antítese dessa norma; a comunicação plena e franca, seu cumprimento. A pressão para difundir os resultados é reforçada pelo objetivo institucional de ampliar as fronteiras do conhecimento e pelo

incentivo do reconhecimento que, obviamente, depende da publicação. Um cientista que não comunica suas importantes descobertas à fraternidade científica [...] torna-se alvo de respostas ambivalentes.

Nesta passagem, entende-se que a propriedade intelectual limita-se à gratidão e à estima que o pesquisador possa ter oferecido ao campo do saber, prevalecendo, neste aspecto, o fundamento da ética científica. Conceitos como o de propriedade intelectual, gratidão e estima, podem ser interpretados como tipos cumulativos de capital simbólico para os agentes componentes do campo da ciência. Por meio da leitura crítica de Bourdieu (1996), pode-se caracterizar o campo científico como um espaço social, pois existe, entre os agentes, uma inter-relação colaborativa para o desenvolvimento de um bem comum: a Ciência. Assim, vale salientar que:

O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em questão virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como *algo que se trata de fazer*. Dito isto, se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo *coletivamente*, na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social [...]: a posição ocupada no espaço social, isto é na estrutura de distribuições de diferentes tipos de capital, que também são armas, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo. (BOURDIEU, 1996, p.27, grifo do autor).

Outra peculiaridade a ser observada com o imperativo do comunismo científico é que a busca e o alcance da originalidade/inação são características que valorizam o pesquisador, o diferenciando de seus pares pelo alcance de novas contribuições para o campo do saber. Logo, significam reconhecimento “[...] num estado de campo em que se vê poder por toda parte [...]” (BOURDIEU, 2012, p.7). Comparando a lógica presente no campo científico com a lógica de um jogo, Bourdieu (2004, p.28) lembra que:

[...] o bom cientista jogador é aquele que, sem ter necessidade de calcular, de ser cínico, faz as escolhas que compensam. Aqueles que nasceram no jogo têm o privilégio do ‘inatismo’. Eles não têm necessidade de serem cínicos para fazer o que é preciso quando é preciso ganhar a aposta.

Um reforço às ideias apresentadas anteriormente seria o argumento defendido por Merton (2013, p.195), em que fica clara a importância do desinteresse como um imperativo institucional para a Ciência. Todavia o autor ressalva que desinteresse, nesse caso, não significa altruísmo e assume que “Há competição no reino da ciência, competição que é intensificada pela ênfase na prioridade como critério de realização, e, sob condições competitivas, pode-se muito bem gerar incentivos para eclipsar os rivais por meios ilícitos”. Entende-se, então, que o pesquisador veste-se com a virtude do desinteresse para conferir maior confiabilidade aos resultados científicos obtidos.

Não menos importante, o imperativo institucional ceticismo organizado deve ser comungado por cientistas que promovem a análise/validação científica de seus pares. Assim como o imperativo do universalismo, o ceticismo organizado configura imparcialidade ao processo de institucionalização da Ciência.

[...] o ceticismo organizado está inter-relacionado de vários modos com os outros elementos do *éthos* científico. Ele é um mandato tanto metodológico como institucional. A suspensão do julgamento até ‘que os fatos estejam à mão’ e o escrutínio imparcial de crenças em termos de critérios e lógicos têm periodicamente envolvido a ciência em conflitos com outras instituições. (MERTON, 2013, p. 197, grifo do autor)

Com o apresentado, entende-se que o *éthos*, em sua complexidade, deve fundamentar o comportamento dos cientistas, constituindo sua obrigação moral. Compreendendo a complexa relação presente no campo científico entre os agentes que formam sua própria estrutura (BOURDIEU, 2004), entende-se que mensurar o *éthos* científico presente num campo exige grandes dificuldades, inclusive, podendo se limitar a especulações (MERTON, 2013). No entanto, informações que ajudem a caracterizar o campo científico podem empreender apontamentos que diminuam incertezas na mensuração.

2.1.2 Bourdieu e a problematização do campo científico

As considerações de Merton (2013) sobre a Ciência são corriqueiramente de tom social, seja em esfera interna (colaboração científica, rede social), seja em âmbito externo (Ciência para sociedade, sociedade para a Ciência). No entanto,

acatar o universo da Ciência como estudo⁶ é saber, como afirma Targino (2000), das impossibilidades de concepções universais.

Morel (1979, p.10) aponta os estudos mertonianos sobre o *éthos* da Ciência como uma vertente investigativa funcionalista e limitada. Para a autora, perceber as normas – universalismo, comunismo, desinteresse, ceticismo organizado – presentes na instituição social da Ciência como ambivalentes e apenas descrever a adoção de comportamentos desviantes (conflitos) em diferentes contextos é assumir, segundo a autora, uma perspectiva “[...] de cunho idealista e superficial [que] desconhece as condições sociais que propiciaram a institucionalização da Ciência; não analisa tampouco como as formas de produzi-la se modificaram historicamente”. Nesse sentido, uma das grandes contribuições de Bourdieu (2008), ao proporcionar a adoção do método de análise de campo, poderia ser, respeitando particularidades, a capacidade de perceber princípios sociais presentes no campo científico e formular questões sobre a especificidade destes princípios.

Com perspectivas diferentes das de Merton, mas ainda assim incluídas na esfera de estudos sobre a sociologia do conhecimento, Bourdieu é reconhecido pelo senso crítico de suas obras, possuindo uma “[...] tendência de ir contra a maré, contra a corrente” (BOURDIEU, 2002, p.17). O autor desenvolve a noção de campo científico, essa, derivada de construções teóricas anteriores (campo social e espaço social) (BOURDIEU, 2012). Tanto os estudos sobre campo científico, de Bourdieu, quanto os imperativos institucionais da Ciência, de Merton, tratam da estrutura cultural da Ciência, ou seja, são estudos que examinam os costumes que circundam a institucionalização da Ciência.

Em resumo, Burke (2003, p.16) indica que os trabalhos de Bourdieu conseguem trazer de volta discussões “[...] para o mapa da sociologia numa série de estudos sobre ‘prática social’, ‘capital cultural’ e poder de instituições como as universidades para definir o que conta e o que não conta como conhecimento legítimo”.

Ao desenvolver a noção de campo, Bourdieu lança críticas sobre os notáveis estudos de Merton, chegando até a afirmar que “[...] suas teorias são de médio

⁶ A palavra “ciência” para Merton (2013, p.183) poderia indicar uma diversidade de sentidos, mas que possuíam uma relação entre si. O autor classificava a ciência como: “[...] 1) um conjunto de métodos característicos por meio dos quais o conhecimento é certificado; 2) um estoque de conhecimento acumulado que se origina da aplicação desses métodos; 3) um conjunto de valores e costumes culturais que governam as atividades denominadas científicas; ou 4) qualquer combinação das três anteriores.”

alcance” (BOURDIEU, 2012, p.24). O autor assinala que a Ciência vem se desenvolvendo sem necessariamente possuir amarras à ideia de construção que preconize a moral necessária aos objetivos e aos métodos científicos. Ou seja, para Bourdieu (2008), o *éthos* científico descrito nos trabalhos de Merton pode não ser mais tão fiel aos reais conjuntos de hábitos e crenças dispostos no campo científico.

A ideia de campo – em especial, o campo científico – descrita por Bourdieu poderia ser esboçada em uma estrutura em que estariam presentes os agentes (pesquisadores; cientistas; professores, etc.) e as instituições (universidades; instituições de fomento; laboratórios; CNPq, CAPES, Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT, etc.) que são responsáveis por produzir, reproduzir, ou difundir a arte, a literatura e a ciência. Sobre essas produções culturais citadas anteriormente, Bourdieu (2004, p.20, grifo do autor) comenta:

Digo que para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc.) não basta referir-se ao contexto textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. O que chamo de ‘erro de curto-circuito’ [...]. Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois pólos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo o *campo literário, artístico, jurídico ou científico*.

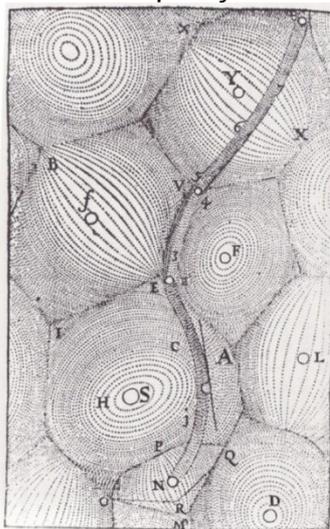
Ou seja, a produção cultural (Ciência, por exemplo) não é compartilhada num meio social como um simples resultado cognitivo do indivíduo ou de um grupo, ela é também é resultado de um contexto social específico. No caso da produção acadêmica, relações sociais entre os componentes do campo científico (agentes e instituições) são responsáveis pela validação dos novos conhecimentos. Nesta perspectiva de interdependência (cognitiva e social), faz-se necessário ressaltar itens como a representatividade simbólica (capital simbólico), o contexto de luta entre os agentes, e a política científica meritocrática.

2.1.2.1 Capital científico como capital simbólico específico e a presença de conflitos

É difícil imaginar a estrutura de um campo social. A composição de um campo irá obedecer a diferentes e contextuais fatores que, no final, atribuirão características desproporcionais e exclusivas a esse campo. Certa vez, no livro “Os usos sociais da

ciência” (BOURDIEU, 2004), foi realizada uma estratégia de percepção imagética de um campo social. Foi utilizada, no supracitado caso, uma imagem presente no livro *Princípios de filosofia* (vide Figura 1), de Descartes (1997, p.100), em que é ilustrada a composição do espaço.

Figura 1 - A composição do espaço



Fonte: Descartes (1997)

A composição do espaço, percebida na imagem acima, mostra-se fragmentada e desproporcional. De modo semelhante, apresentam-se as estruturas dos campos sociais: fragmentadas – pelos espaços ocupados pelos agentes e instituições – e desproporcional, pois existe um contínuo movimento de conquista, manutenção ou redução desses espaços, a depender do ganho e perda de capital simbólico (reconhecimento).

No caso do campo científico, continua-se percebendo a potencial insistência da continuidade de um espaço fragmentado e desproporcional. O que determina estas características não é a eventualidade, mas sim, o acúmulo do capital científico (uma espécie específica de capital simbólico) dos agentes e instituições componentes. Como indica Bourdieu (2004, p.26):

[...] aquilo que define a estrutura de um campo num dado momento é a estrutura da distribuição do capital científico entre os diferentes agentes engajados neste campo. [...] o capital científico é uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico [...]

Partindo para um ponto mais específico, as formas de reconhecimento de capital no campo científico no Brasil são diversas. Alguns programas de bolsas e auxílios do CNPq, por exemplo, utilizam de uma política de verificação do mérito científico dos pesquisadores. Após esse procedimento, é decidido sobre a possibilidade de concessão dos benefícios. Nesse processo é verificado: 1. Mérito científico; 2. Relevância, originalidade e repercussão do candidato; 3. Formação de recursos humanos em nível de pós-graduação; 4. Contribuição científica, tecnológica e de inovação; 5. Coordenação ou participação em projetos científicos e/ou redes de pesquisa; 6. Inserção internacional dos pesquisadores; 7. Participação como editor científico; e, 8. Participação em atividades de gestão científica e acadêmica.

Os efeitos decorrentes da produção científica acadêmica reconhecida do pesquisador estão envolvidos diretamente com o alcance de todos os aspectos elencados anteriormente. Como bem lembra Morel (1979, p.15), existe um sentido para o acúmulo do capital científico:

A carreira científica é estabelecida segundo normas e graus de reconhecimento outorgados pelos próprios cientistas. Estabelecem-se, então, certos critérios internos de legitimação – exames, temas, técnicas, áreas, publicações, teses – que condicionam um sistema de recompensas, como a eponímia (prática de vincular o nome do cientista ao descobrimento), o Prêmio Nobel, medalhas, títulos acadêmicos, filiação a sociedades, academias, etc., configurando-se um sistema altamente competitivo.

A produção científica de livros, capítulos de livros, artigos em periódicos reconhecidos e a formação acadêmica (mestre, doutor, estágio pós-doutoral), acabam por serem formas legitimadas de reconhecimento no campo científico. Essas podem ser compreendidas, ainda, como auxiliares na complexa caracterização do campo científico. Assim, faz saber que:

[...] são os agentes, ou seja, os cientistas isolados, as equipas ou os laboratórios, definidos pelo volume e pela estrutura do capital específico que possuem, que determinam a estrutura do campo que os determina, ou seja, o nível das forças que se exercem sobre a produção científica, sobre as práticas dos cientistas. [...] A força de um agente depende de seus trunfos, factores diferenciais de sucesso que podem garantir-lhe uma vantagem em relação aos rivais, ou seja, mais exactamente, depende do volume e estrutura do capital de diferentes espécies que possui. O capital científico é uma espécie

particular de capital simbólico, capital fundado no conhecimento e reconhecimento. (BOURDIEU, 2008, p.53).

Analisando a referida passagem, percebe-se que o reconhecimento é uma moeda de troca no campo científico. Ao apontar a presença de características como “vantagem” e “rivais”, o autor indica a existência do conflito, ou da luta⁷. Ao assumir a perspectiva da permanência dessas características de embate no campo, em partes, tem-se justificado algumas prerrogativas para o avanço científico, afinal, a refutação ou avanços de paradigmas são processos árduos para o cientista (KUHN, 1998), e o reconhecimento dessa conquista é a destinação de um valioso capital científico para o responsável.

Bourdieu (2008) é taxativo ao afirmar sobre a existência de lutas internas no campo, seja para conservação do sistema de produção, reprodução e difusão vigente; seja para a transformação das relações de força e estabelecimento de um novo sistema. Em outras palavras, quem mais detém capital, mais lucra (não necessariamente no sentido monetário) e também mais influencia as regras do jogo, pois exercem grande força sobre outros agentes.

Ao problematizar as relações existentes no meio científico, Bourdieu (2008, p. 52-53, grifo nosso) realiza uma analogia com os demais campos (literário, artístico, jurídico, religioso, etc.) demonstrando que o que existe:

[...] é um campo de força dotado de uma estrutura e também de um espaço de conflito pela manutenção ou transformação desse campo de forças. [...] Os agentes, cientistas isolados, equipas ou laboratórios, criam, pelas suas relações, o próprio espaço que os condiciona, embora este exista apenas graças aos agentes que nele se encontram e que, para falar como a física ‘deformam o espaço envolvente’, conferindo-lhe uma determinada estrutura. [...] **A estrutura do campo, definida pela distribuição desigual do capital, ou seja, das armas ou dos trunfos específicos, faz-se sentir, não por interacção direta, intervenção ou manipulação, sobre todos os agentes, mas regulando as possibilidades que lhe estão abertas conforme estejam pior ou melhor situados no campo, ou seja, nesta distribuição.**

A finalização da supracitada passagem demonstra como pode ser entendido o contexto da luta no campo científico. Não existe a prática da violência física realizada por meio daqueles que detém maior capital científico sobre os outros, mas

⁷ Os significados das terminologias “luta” e “conflito”, neste caso particular, não devem ser interpretados de maneira inteiramente denotativa, mas sim num sentido metafórico.

sim, a criação de um sistema de privações que irá favorecer alguns e desfavorecer outros.

Portanto, a problematização do campo científico se torna valiosa na obtenção de maior entendimento sobre o processo de desenvolvimento da Ciência. Outro fator positivo, diz respeito à caracterização da estrutura do campo científico, que pode ser realizada por meio da análise da produção científica e seu reconhecimento validado.

Essas explanações não depõem integralmente contra os estudos de Merton (2013), comentados anteriormente, mas sim, apresentam uma complementaridade sobre uma visão encarada como funcionalista e aparentemente limitada (MOREL, 1979)⁸. A demonstração de como a Ciência deve se institucionalizar é um ponto forte na obra de Merton, os argumentos que sustentam o *éthos* da Ciência são pertinentes e merecem a devida atenção. No entanto, como a ciência se desenvolve num espaço em que relações sociais são essenciais, a problematização de tais relações, como já demonstrado, ganha justificativa.

2.2 CIÊNCIA, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO

A ideia indissociada de ciência, sociedade e desenvolvimento que muito é apresentada hoje, nem sempre foi uma constante. A nomenclatura “desinteressada”⁹ foi utilizada para designar uma ciência em que seu próprio fim era o desenvolvimento da mesma. No entanto, hoje, ao contextualizar ciência, essa mesma nomenclatura encontra-se num cenário de difícil existência, talvez impossível. Como dito anteriormente, ciência, sociedade e desenvolvimento encontram-se hoje numa tríade cristalizada – ou cristalizante, exprimindo a ideia de ação –, porém ainda são válidos questionamentos sobre processos que efetivam tal estado.

A questão da autonomia científica consegue configurar debates no processo de desenvolvimento e efeitos da ciência. Merton (2013, p.182) já demonstrava o entrave realizado pela sociedade contra a autonomia científica. Para o autor, foi

⁸ Sobre a divergência de datas entre a crítica de Morel a Merton, verifica-se que o primeiro artigo “A ciência e a estrutura social democrática” foi publicado em 1942. O referido texto de Merton, aqui utilizado, faz parte de uma coletânea de ensaios, do mesmo autor, que versa sobre sociologia da ciência.

⁹ Salienta-se que “[...] a sociologia postula que há uma razão para os agentes fazerem o que fazem [...]”, logo, entende-se, a luz do pensamento de Bourdieu, que o “desinteresse” não acontece em práticas racionais. (BOURDIEU, 1996, p.138).

necessário a sociedade quebrar a corrente de pensamento do cientista que idealizava uma ciência independente, imaginando-a como um “[...] empreendimento que se valida a si mesmo, que está na sociedade, mas não faz parte dela”. Em outro polo, indo parcialmente a favor de uma ciência autônoma, Bourdieu (2004) apresenta que a autonomia de um campo científico é um reforço à isonomia e lisura das descobertas.

A polaridade do debate é justificável quando se questiona a prática científica, na qual, de um lado, ousa-se construir uma “torre de marfim” isolada e independente, e, de outro, a sociedade anseia por resultados científicos que satisfaçam suas necessidades. Sob a ótica histórica, com o decorrer do tempo, evidencia-se nos objetivos e nos resultados científicos uma maior influência social. Notórios também foram os administradores (Estado e empresas privadas) desses resultados (BRAGA; GUERRA; REIS, 2010). Neste sentido, caminha a crítica de Bourdieu (2004), afinal, é visualizada, com o passar do tempo, uma ciência cada vez mais atrelada a interesses.

Segundo Bourdieu (2004, p.32-34), “[...] quanto mais um campo [científico] é autônomo e próximo de uma concorrência pura e perfeita, mais a censura é puramente científica e exclui a intervenção de forças puramente sociais [...]”. No entanto, o autor ressalva que a prática científica necessita ser custeada de alguma forma e este fator recai sobre o grau de autonomia da mesma.

Diante dessa evidência, alguns autores utilizam terminologias como “autonomização relativa” (MOREL, 1979) ou “relativa autonomia” do campo científico. Em ambas, é expresso o pensamento de que o campo científico “[...] está dotado, ao mesmo tempo, de mecanismos de regulação que lhe são próprios e que ele estabelece com os outros microcosmos sociais - campos econômico, político etc. - relações de interdependência”. (SHINN; RAGOUET, 2008, p.123). Assim é diferenciada e distanciada a simplicidade da ideia de autonomização científica realizada por Latour (2001, p.120, grifo do autor), em que se encontra descrito que para convencer é necessário apenas alguém a ser convencido. Segundo o autor:

Para convencer, o cientista precisa de *data* (ou, mais exatamente, *sublata*¹⁰), mas também de alguém a ser convencido. Chamo esse

¹⁰ A expressão do latim *data sublata* pode ser compreendida como “dados extraídos”, faz noção ao primeiro circuito integrante do “sistema circulatório dos fatos científicos”, descritos por Latour (2001). O primeiro circuito recebe o nome de Mobilização do Mundo, nesse o cientista tem o desafio de “[...]”

segundo circuito de *autonomização* porque diz respeito ao modo pelo qual uma disciplina, uma profissão, uma facção ou uma 'congregação invisível' se torna independente e engendra seus próprios critérios de avaliação e relevância.

Tanto o ato de convencer quanto o agente que necessita ser convencido para legitimar a ciência são atrelados ao interesse¹¹, comportamento que é visto de maneira natural por Bourdieu (1996, p.138), afinal, se o ato fosse desinteressado, a gratuidade deste remeteria, em parte, “[...] à ideia de não motivado, de arbitrário: um ato gratuito é um ato do qual não podemos fazer sentido [...], um ato louco, absurdo, pouco importa, diante do qual a ciência social nada tem a dizer [...]”. A ciência, inserida na sociedade, e por ela patrocinada, necessita, então, buscar uma justificativa. Sua legitimação na sociedade, hoje, pode ser entendida com o alcance do desenvolvimento econômico e social (TARGINO, 2000).

Assim, diante do demonstrado, pode-se entender que: i) o desenvolvimento científico necessita de financiamentos; ii) a ciência mostra-se como propulsora do desenvolvimento econômico e social; e iii) o ato desinteressado – tanto do pesquisador, quanto dos avaliadores científicos – é inexistente. Fica, portanto, constatado que a autonomia de um campo científico é uma característica rara, podendo ser considerada impossível, afinal, quanto mais estratégica para o desenvolvimento social e econômico uma ciência for, mais interferências externas estarão presentes no seu processo de validação (BOURDIEU, 2004).

Sobre o desenvolvimento científico no Brasil, Morel (1979, p.36) indica que “[...] a política científica acaba limitando-se a uma política de qualificação da força de trabalho requerida para a expansão das grandes empresas públicas e privadas, nacionais e estrangeiras [...]”. Ainda atual, a leitura de Morel demonstra que a política científica adotada no Brasil desafia a autonomia científica, visto que o desenvolvimento científico continua sendo administrado pelos interesses dos agentes/instituições de outros campos (político, econômico etc.) que o financiam.

É válido, porém, salientar que o processo de interdependência proposto pela sociedade, por meio de seus mecanismos políticos, econômicos e sociais, atribui a

dirigir-se para o mundo, torná-lo móvel, trazê-lo para o local da controvérsia, mantê-lo empenhado e fazê-lo suscetível de argumentação”. (LATOURET, 2001, p.119).

¹¹ Segundo Ferreira (2001, p.396, grifo do autor), o substantivo “interesse” pode ser descrito como: “1. Lucro material ou pecuniário; ganho. 2. Parte ou participação que alguém tem nalguma coisa. 3. Vantagem, proveito; benefício. 4. Cobiça, avidez. 5. Zelo, simpatia ou curiosidade por alguém ou algo. 6. Empatia”. A palavra “interesse”, no caso particular acima, não possui denotação restrita, apenas justifica uma ação social racional. (BOURDIEU, 1996).

ciência um caráter mais coletivo, mais ligado ao seu meio. É válido notar também que os responsáveis pelo desenvolvimento da ciência constituem não apenas indivíduos “[...] que receberam o mais elevado nível de qualificação educacional possível, como também compõem a parcela de recursos humanos que foi treinada especificamente para realizar pesquisa e desenvolvimento”. (VIOTTI, 2010, p.15). A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC (2011) indica que no ano de 2010 existiam no Brasil cerca de 85.500 pesquisadores doutores¹², tendo uma concentração de 90% desses profissionais nas universidades (77.463) e de 10% nos centros de ciência e P&D (8.099). Para a entidade, isso representa um dado preocupante. Segundo a SBPC (2011), para o desenvolvimento estratégico do país, os doutores/pesquisadores deveriam estar melhor divididos, indo contra o então cenário de concentração visto massivamente nas universidades.

Sobre a contínua formação de recursos humanos de alto nível, percebe-se que de 1987 até 2008, o Brasil demonstrou um registro significativo de Doutores¹³, demarcando, com isso, desde o ano de 1987, um crescimento vertiginoso de 1000% do número de titulados (vide Gráfico 1):

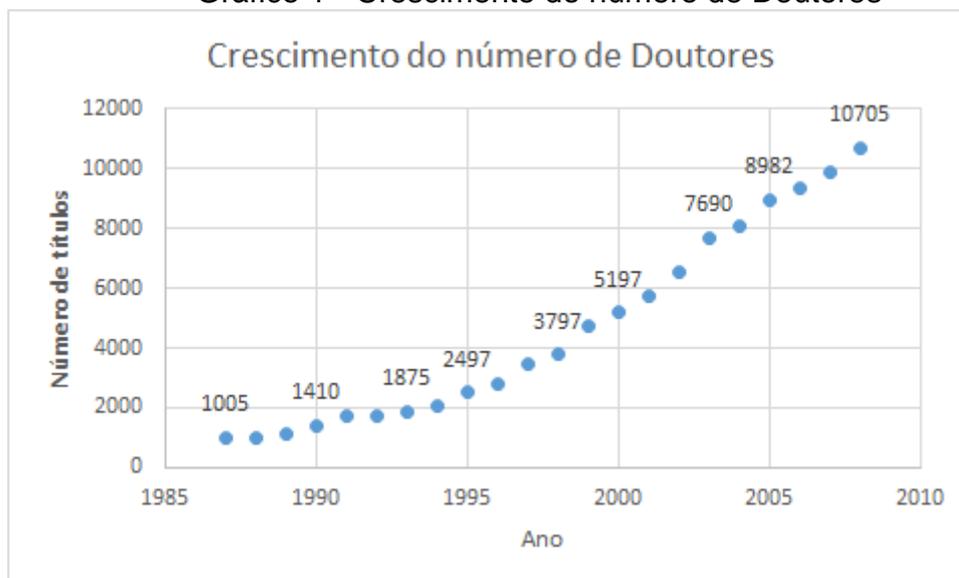
Em resumo, no atual sistema nacional de pesquisa, as universidades concentram a maior parte da produção de trabalhos científicos (SBPC, 2011), abrigando também principal parcela de doutores pesquisadores (VIOTTI, 2010). Esse fenômeno demonstra uma preocupação para analistas de políticas sociais, que indicam a necessidade de tornar as pesquisas de âmbito universitário (seja de natureza fundamental ou aplicada¹⁴) cada vez mais voltadas às áreas estratégicas, como as de desenvolvimento industrial, segurança territorial e social do país (SCHWARTZMAN, 1993).

¹² Dados do Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional - PACTI 2007-2010.

¹³ No Brasil, especificamente, os Doutores são os recursos humanos específicos para o desenvolvimento das pesquisas.

¹⁴ Segundo Laville e Dionne (1999, p.86), a pesquisa de caráter aplicada “[...] tem por motivação principal contribuir para resolver um problema, um problema presente no nosso meio, em nossa sociedade”.

Gráfico 1 - Crescimento do número de Doutores



Fonte: Adaptado de Viotti (2010).

Faz sentido, à luz do apresentado, analisar as colocações de Trindade (2001, p.22) que apontam que “a lógica do modelo é de que a universidade deve ‘responder a diversas necessidades que lhe são externas’, tornando-se cada vez mais uma ‘organização multifuncional, indispensável e utilitária’”. Trindade (2001) finaliza a passagem afirmando que esse modelo de universidade é válido e funcional nos EUA¹⁵, país possuidor de uma visão neoliberal de educação superior, sendo também o país de origem do modelo de universidade importada para o Brasil (SANTOS, 2003).

Em exemplo, para melhor contextualizar o trabalho em questão, percebe-se que a criação e atuação do CNPq reforça a afirmativa sobre o direcionamento institucional universitário ideal indicado por Trindade (2001), em que a lógica deve “responder as necessidades que lhe são externas”. É possível encontrar como missão institucional do CNPq¹⁶ a seguinte descrição: “Fomentar a ciência, tecnologia e inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional”. A missão institucional do CNPq corrobora com o defendido até aqui, sendo percebido um tipo de “moeda de troca”, em que as políticas públicas de fomento não atuam apenas como linha auxiliar exclusiva do campo científico, mas também, no

¹⁵ Santos (1978, p.16) indica que “[..] embora a ciência pudesse existir com diferentes estruturas sociais, era nas estruturas liberais democráticas que podia atingir máximo desenvolvimento”.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/o-cnpq>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

sentido de fortalecer e alcançar interesses presentes no campo político e econômico.

2.2.1 Produção e Produtividade

A convergência de saberes é o combustível da produção e da comunicação científica (BRAGA; GUERRA, REIS, 2008a). Entendida como instituição social/colaborativa, a ciência avança devido ao conhecimento que se realiza a partir da informação disponibilizada, e, ao ser socializado, este conhecimento transforma-se em informação novamente (BARITE, 2001). Neste sentido, a busca da informação pode ser compreendida como uma necessidade de mudança, um aprimoramento cognitivo e para isso, o processo de seleção informacional é útil no sentido de criação, modificação ou aprimoramento de novos conhecimentos. Assim, entende-se que a produção da informação científica é a organização do conhecimento obtido através de informações antes disponibilizadas nos meios de comunicação científica formais ou informais.

É consensual que o processo de comunicação do conhecimento, presente no campo científico, constitui um conjunto necessário para a ampliação da ciência. O que se nota, porém, é uma incessante busca por reconhecimento dessas contribuições.

Foi no século XVIII que a comunicação formal¹⁷ começou a ser tida como costume na comunidade científica. A justificativa desse fenômeno pode ser entendida pela mudança de *status* que ocorrera com a ciência, em que o pesquisador acaba sendo percebido como um trabalhador inserido em um ambiente social, regido pela competitividade e pela busca de reconhecimento, fruto da demonstração dos resultados de suas investigações (LE COADIC, 2004). Em resumo:

[...] a formalização [da comunicação científica] ocorreu devido à necessidade dos pesquisadores de comunicar aos pares os resultados das pesquisas, fazendo com que a ciência se tornasse uma atividade social, e assim, **exigindo do pesquisador**

¹⁷ A principal característica do meio de comunicação científica formal é determinada pela exposição “[...] por longos períodos de tempo para um público amplo”, diferentemente da informal que é “[...] posta à disposição à disposição apenas a um público limitado”. (MEADOWS, 1999, p.7).

competitividade e produtividade. (CORREIA, 2006, p.47, grifo nosso).

Com o demonstrado, a exposição científica nos meios formais de comunicação é o caminho para obter reconhecimento não só pelos pares, mas também para a conquista da notoriedade. Faz sentido, assim, o que comenta Morel (1979, p.15) ao indicar que “A carreira científica é estabelecida segundo normas e graus de reconhecimento outorgados pelos próprios cientistas. Estabelecem-se, então, certos critérios internos de legitimação [...] que condicionam um sistema de recompensas [...]”. Sendo o campo científico um microcosmo parte integrante de macrocosmo social, e que com ele realiza uma relação de transversalidade (SHINN; RAGOUEZ, 2008), a probabilidade de existência de uma relação de simbiose entre Estado e ciência acaba sendo alta (BOURDIEU, 2012; SILVA, 2010). Ou seja, acaba por ser mutuamente proveitosa para as partes uma relação desse tipo. Segundo Morel (1979), a institucionalização da política científica dos países capitalistas opera em vias de planejamento e investimento, e, inseridos nesse ínterim, os agentes/instituições constituintes do campo científico acabam por cooperar com tal sistema.

2.2.2 A política científica institucional do país

O sistema de pós-graduação foi oficialmente firmado no Brasil em 3 de dezembro de 1965, pelo Parecer Sucupira (CFE977/65) de autoria de Newton Sucupira, que acreditava que “o modelo de pós-graduação a ser implantado era adequado à nova concepção de universidade, oriundo dos países mais desenvolvidos”. (SANTOS, 2003, p.629). Após este parecer, ocorreu a criação do primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação (I PNPG 1975-1980), no qual uma das características mais acentuadas correspondia a financiamentos destinados à pós-graduação e à implantação de bolsas para alunos em tempo integral.

Assim começava o processo de consolidação do sistema de pós-graduação brasileiro. O I PNPG teve prosseguimento e sua segunda versão (II PNPG 1982-1985) direcionou esforços tanto para o aumento da qualidade da pós-graduação quanto para a expansão da capacitação docente do ensino superior. Já o PNPG do triênio 1986-1989 sugeriu maior participação da comunidade acadêmica para

pesquisa científica e tecnológica. Medidas estratégicas como essas levavam em conta que a elevação do padrão de vida, a consolidação de uma economia e a participação plena num mundo globalizado e competitivo dependiam da qualidade e criatividade em Ciência e Tecnologia (C&T) que um país poderia oferecer (SCHWARTZMAN, 1993).

A vigilância para o desenvolvimento da pesquisa e pós-graduação no Brasil continuou e novas versões mais estratégicas do PNPG foram lançadas, como, por exemplo, a de 2005-2010 que objetivava um maior quantitativo de formação de mestres e doutores, atendendo assim demandas relativas à expansão do ensino superior no país. Vale salientar que no Brasil a maior parte das pesquisas em C&T continua sendo realizada nas Universidades e que a maioria dos cursos de pós-graduação é oferecida pela rede pública de ensino (VIOTTI, 2010).

Segundo a SBPC (2011), o aprimoramento que vem ocorrendo na pesquisa e pós-graduação brasileira muito deve à criação de iniciativas estratégicas voltadas a este aparelho, como, por exemplo, o sistema de avaliação implantado pela CAPES; o programa de bolsa de produtividade em pesquisa desenvolvido pelo CNPq; os programas permanentes de bolsas mantidos pelo CNPq e CAPES e as fundações estaduais de amparo à pesquisa (FAPs).

Como, especificamente, o objeto de estudo deste trabalho é a produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação do CNPq, explana-se que o programa de bolsa de produtividade em pesquisa implantado pelo CNPq objetiva incentivar a qualidade da pesquisa em pós-graduação no ensino superior no Brasil. De acordo com a Resolução Normativa 016-2006 do CNPq, o programa de produtividade em pesquisa (PQ) é destinado aos pesquisadores “[...] que se destacam entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq” (CNPq, 2006). O programa ainda destina financeiramente benefícios e, a depender da classificação dada ao pesquisador pelo CNPq, adicionais de bancada. Como dito anteriormente, as classificações de produtividade em pesquisa não são concedidas gratuitamente. Para o CNPq, ser destaque entre os pares é demonstrar não só quantidade, mas também qualidade e inovação na produção científica periódica.

Entende-se com o apresentado que o desenvolvimento da pesquisa científica desenvolvida nas universidades: i) representa um custo significativo aos cofres

públicos; ii) apresenta relevância econômica e social; e iii) atrai a atenção da sociedade para o acompanhamento de seus resultados.

O sistema político científico brasileiro dedica atenção aos agentes/instituições científicas de maneira díspar, não sendo uniforme a distribuição de recursos. Neste contexto, produção e produtividade científica ganham dimensões ainda maiores (SCHWARTZMAN, 2008). O sistema político capitalista concede mérito aos pesquisadores que conseguem produzir, validar e colocar a ciência em circulação, pois entendem que esta é um produto criado e certificado pela força de trabalho melhor qualificada (MOREL, 1979).

Como afirmado, a distribuição de recursos aos agentes/instituições é realizada segundo o reconhecimento de capital simbólico que esses venham a ter, e, como visto em teoria, existe uma potencial chance desta distribuição não ser equivalente. Correia (2012, p.58) indica que esse fenômeno não é por acaso. Existe um sistema de avaliação da produção científica que pode ser entendido “[...] como um processo de medição da ciência, através da verificação do mérito”. Sendo esta avaliação proposta pelo sistema político científico, entende-se que o conceito de mérito então será estendido ao conceito de meritocracia que, ainda segundo a autora, “[...] denomina uma forma de governar que leva em consideração o mérito de cada um individualmente”. Ou seja, “[...] um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um, ou seja, do reconhecimento público da qualidade das realizações individuais” (CORREIA, 2012, p.58). Sobre as instituições que promovem avaliações da produção científica no Brasil em âmbito federal, temos o CNPq e a CAPES como os nomes de maior expressão, Morel (1979, p.23, grifo do autor) comenta que:

O nacionalismo do período [década de 40-50] se concentrava na ideia de garantir a soberania do Estado [...] É dentro desse conceito que se dá a institucionalização da política científica, expressa pela criação, em 1951, do CNPq e da CAPES. *Ciência e recursos humanos* vão ser valorizados como fatores de *progresso*, elementos fundamentais para o aprimoramento das forças produtivas e a expansão capitalista.

Será tratada neste trabalho a política científica institucional adotada pelo CNPq (por meio de seus programas de planejamento e investimento direcionados para inclusão nacional em vias do progresso). O fomento à ciência oferecido pelo

CNPq é ofertado por meio de diferentes programas¹⁸. Especificamente, aqui será dada atenção ao Programa de bolsa de produtividade (PQ). A bolsa de produtividade é um fomento concedido a um perfil especial de pesquisador, como bem afirma a Resolução Normativa de número 016/2006. Um conselho específico, denominado pelo próprio CNPq, avalia se o pesquisador é um destaque entre seus pares (reconhecendo seu valor pelos méritos científicos). Em linguagem sociológica, ser “destaque entre os pares” poderia ser decodificado como o pesquisador que tem capital científico acumulado.

O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico, capital fundado do conhecimento e no reconhecimento. Poder que funciona como forma de crédito, pressupõe a confiança ou a crença dos que o suportam porque estão dispostos (pela sua formação e pelo próprio facto de pertença ao campo) a atribuir crédito. A estrutura de distribuição do capital determina a estrutura do campo, ou seja, as relações de força entre os agentes científicos: a posse de uma quantidade (logo, de uma parte) importante de capital confere poder sobre o campo, portanto, sobre os agentes comparativamente menos dotados de capital [...] e comanda a distribuição das hipóteses de lucro. (BOURDIEU, 2008, p.53).

2.2.3 A área de Comunicação no Brasil

O primeiro curso de Comunicação no Brasil data do ano de 1935, na Universidade do Distrito Federal, na cidade do Rio de Janeiro¹⁹. No entanto, cabe ressaltar que a área de Comunicação começa a delinear seus estudos sistemáticos no final da década de 1940 e tem sua estimável consolidação na década de 70. Foi neste íterim que houve, inicialmente, “a instalação das bases industriais do mercado cultural nos anos 60 e sua consolidação nos anos 70 [...]” (LOPES, 2010, p.17). A Comunicação no Brasil ganha reconhecimento com os estudos que tinham como objeto, em síntese, os produtos da indústria cultural dos meios de

¹⁸ Por meio de programas de fomento, o CNPq oferece algumas modalidades de bolsas e auxílios. Segundo descrição institucional do CNPq, destacam-se dentre as bolsas, por seu caráter voltado ao avanço do conhecimento, do desenvolvimento sustentável e a soberania nacional as seguintes modalidades: Produtividade em pesquisa (PQ); Produtividade em desenvolvimento tecnológico e extensão inovadora (DT); Pesquisador visitante (PV); Pós-doutorado Júnior (PDJ); Pós doutorado sênior (PDS); Doutorado-sanduiche no país (SWP); Pós-doutorado empresarial (PDI); Doutorado-sanduiche empresarial (SWI); Desenvolvimento científico e tecnológico regional (DCR); Produtividade sênior (PQ-Sr); Atração de jovens talentos (BJT); Pesquisador visitante especial (PVE).

¹⁹ No ano de 1935, a capital brasileira era a cidade do Rio de Janeiro. Segundo o Decreto Municipal 5.513, a Universidade do Distrito Federal era uma composição de cinco escolas superiores: Ciências, Educação, Economia e Direito, Filosofia, e o Instituto de Artes. (VICENZI, 1986).

comunicação, como o jornal, a revista, o cinema, a música (disco), sendo os mais notórios o rádio e a televisão (VICENTE, 2009).

A indústria cultural é um fenômeno que se mostra em pleno desenvolvimento desde 1950 (LOPES, 2010), e vem figurando como a principal motivadora dos estudos em comunicação no Brasil. Sobre o início desses estudos, Vicente (2009, p.31) ressalta que:

A preocupação com ‘as massas’ alentava pesquisas destinadas a denunciar a alienação promovida pela comunicação, que se valia da população analfabeta, presa fácil de sofrer manipulação, deslumbrada pelo fascínio apresentado pelos meios de comunicação.

Porém, a breve efervescência dos estudos sobre comunicação de massa²⁰ teve consequências. Por exemplo, descobertas científicas, necessárias para um aprofundamento de um campo científico, não foram ainda bem evidenciadas (LOPES, 2010).

Autores no campo da Comunicação demonstram preocupações sobre dimensões referentes aos estudos sobre o trabalho midiático de produção de sentido, sendo “a primeira, de caráter teórico-metodológica, e a segunda, mais diretamente relacionada com aspectos teórico-epistemológicos” (FAUSTO NETO, 2010, p.79).

Braga (2010) expressa que existe, ainda, uma indecisão presente na área sobre a classificação da comunicação. Não é consensual, segundo o autor, se a Comunicação é uma disciplina ou um campo. Braga (2010) pontua que existe uma dualidade quando se tenta definir Comunicação. Para o autor, ainda são necessárias reflexões para a escolha de definição da Comunicação, seja como disciplina (requisito formal para um objeto de investigação consolidado), seja como campo de estudos (reconhecimento de uma interdisciplinaridade nos enfoques do fenômeno comunicacional). Essa segue a mesma linha de pensamento de Lopes (2010, p.74), que indica sensível precariedade dos recursos docentes, técnicos e bibliográficos e editoriais, tomando como responsável a fraca relação ensino-pesquisa e a “[...] fraqueza do estatuto teórico da comunicação como campo novo do conhecimento”.

²⁰ A nomenclatura “comunicação de massa”, empregada neste contexto específico, pode também ser reconhecida como *mass media*, média ou mídia. Seus interesses são o jornalismo/imprensa, a comunicação organizacional (publicidade, propaganda, marketing, relações públicas).

Assim, assumindo o desafio de tentar consolidar os estudos de Comunicação, Braga (2010, p. 25-26, grifo do autor) recorre ao argumento de que:

Uma disciplina se constitui também por seus próprios requisitos internos, seu desenho específico de teorias, de epistemologia, de constituição de visão ontológica, de ângulos de enfrentamento com o mundo, no trabalho da pesquisa. [...] Uma 'disciplina', na sua singularidade, não se organiza *a priori* em critérios a serem atendidos, *uma disciplina emerge* - ou não - de como aquele desenho vá se fazendo, tentativamente.

Com isso, percebe-se, de um lado, o reconhecimento de fraqueza sobre o estatuto teórico da área, e, de outro, a necessidade de desenvolvimento de tentativas intelectuais que possam consolidar melhor o campo da Comunicação. Sendo apresentado como uma solução, no sentido de fomentar a pesquisa de qualidade, garantindo condições técnicas de produção e na busca da legitimidade científica perante a sociedade civil, o CNPq, por meio de seus programas de intervenção científica, oferece ao pesquisador a chance²¹ de receber benefícios que o auxiliem no desenvolvimento de suas pesquisas.

A ideia de entendimento de uma área do conhecimento, por meio de análises sobre a produtividade em determinado recorte temporal, corrobora com o que ressalta Lopes e Romancine (2006, p.149), afirmando que “[...] a atividade de avaliação e conhecimento do estado de um campo de estudos – a partir de expressões quantitativas – pode e deve ser realizada também pela produção de indicadores próprios”. Todavia, no caso dos bolsistas de produtividade PQ-1 do CNPq, alguns fatores podem ser transversais nessas análises, não fugindo à regra, a pós-graduação em Comunicação se encaixa em uma:

[...] política científica proposta e exercida pelo Estado [que] se resume num conjunto de medidas financeiras e institucionais. Também revela a óptica tecnocrática que a orienta [...] Há muito se vem apontando para os efeitos perniciosos provocados por essa visão de ciência e de ensino universitário que foi, entretanto, paulatinamente se impondo na realidade cotidiana da prática científica nas universidades. [...] Os condicionantes institucionais dizem respeito à obtenção de recursos e financiamentos, o que se dá conforme o projeto de pesquisa esteja em sintonia com prioridades ou linhas de pesquisas predominantes. [...] Não se trata de negar a presença de mecanismos de distribuição de poder e recursos, mas

²¹ O recebimento é condicionado a aceitação do CNPq diante da solicitação do pesquisador.

antes de objetar que sejam critérios eminentemente científicos que os orientam. (LOPES, 2010, p.74-77).

É neste sentido que é possível compreender as consequências do afrontamento à autonomia científica de um campo. Afinal, baseado na citação acima, se existe a possibilidade de que critérios eminentemente científicos não estejam orientando o pesquisador, fica evidenciado, então, que a construção do desenho específico de teorias, de epistemologias, de constituição de visão ontológica de ângulos de enfrentamento com o mundo de um campo partirá de um ponto de vista que interesse ao pesquisador.

Mas, se é tido como pressuposto a impossibilidade de existência de uma ciência autônoma (BOURDIEU, 2004) devido a sua necessidade de recursos econômicos, o entendimento do desenho, proposto por Braga (2010), será condicionado à distorção do interesse do pesquisador (e de quem financia sua pesquisa).

2.3 O CAMPO DA COMUNICAÇÃO: intencionalidade cognitiva *versus* capital simbólico

Algumas notas introdutórias mostram-se válidas neste estudo, como, por exemplo, as que dizem respeito às intencionalidades e interações presentes no campo da Comunicação, responsáveis por lhe conferir identidade própria.

Em um campo, a conquista de espaço por um agente, significa alterar o espaço de outro (BOURDIEU, 2008). Significa reter maior capital científico, poder mensurar esse detalhe e conseguir retribuições em seu próprio campo ou até mesmo em outros (SHINN; RAGOUEY, 2008). A informação recebe, neste contexto, grande importância, afinal é ela a expressão codificada do conhecimento, resultado da capacidade de organização do pensamento coletivo e/ou individual presente no fluxo da informação circulante (BARRETO, 2000).

Corrente ao pensamento do fluxo da informação, descrito por Barreto (2008), é encontrado o pensamento de que “Não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado” (FREIRE, 1977, p. 66). Com isso, percebe-se que neste campo, ser reconhecido exige o desafio de validar o conhecimento perante seus pares. Um conflito árduo, porém necessário (SCHWARTZMAN, 2008).

O que pode parecer imperceptível – ou, de tão notório, ser esquecido – é o detalhe de que a informação não expressa somente a capacidade individual, ou coletiva, de organização do conhecimento do indivíduo. Ela também exprime a intencionalidade cognitiva do homem que a quer ver representada em seu meio. O pensamento de que o “[...] homem, como um ser de relações, desafiado pela natureza [fenômeno/mistério], a transforma com o seu trabalho [cognição]; e que o resultado desta transformação [conhecimento], que se separa do homem [informação], constitui seu mundo [fluxo]” é considerado uma obviedade para Freire (1997, p.65). Ainda neste sentido, Barreto (1998, p.122) afirma que “A Essência – Essência é ação com vigor dinâmico - do fenômeno da informação é a sua intencionalidade”. A intencionalidade expressada na informação é o dispositivo da controvérsia, colocando a ciência em um estado vivo (KUHN, 1998).

Contudo, como já mencionado anteriormente, a ciência é resultado de uma colaboração social, dependente de um sistema de avaliação que se aperfeiçoou com o tempo (MUELLER, 2000b). O direito de colocar intenções cognitivas na informação pode até ser livre, mas é consensual que a garantia do crédito científico exigirá a obediência de ritos (CORREIA, 2012). Assim, a atividade de produção do conhecimento científico confere ao pesquisador a possibilidade de expressar sua intencionalidade na confecção da ciência, contanto que tais resultados passem pelo crivo científico dos pares e sejam aprovados.

Os sistemas de avaliação científica pelos pares constituem parte fundamental do processo científico, são eles também que atribuem à ciência um movimento cognoscível unificador (KUHN, 1998). Porém, ainda é atual o debate sobre o sistema de avaliação científica, que para muitos autores continua sendo recoberto por dúvidas (CASTRO, 1986; SCHWARTZMAN, 2008).

Bourdieu (1983) insiste sobre a existência no campo científico de uma estrutura baseada na distribuição do capital científico. A facilidade ou dificuldade de continuação dos interesses (expressão científica intencional) dos agentes constituintes do campo científico será, então, variável. Ou seja, irá depender do acúmulo de capital que cada agente possuir. Pode-se, com isso, imaginar um campo de força organizado capaz de facilitar ou dificultar a prática dos agentes/instituições. Nestas peculiaridades, o autor define o campo científico:

[...] como um espaço de conflitos, como **campo de acção socialmente construído em que os agentes dotados de diferentes recursos se defrontam para conservar ou transformar as relações de força vigentes**. Os agentes empreendem aqui acções que dependem, nos seus fins, meios e eficácia, da sua posição no campo de forças, ou seja, da posição na estrutura da distribuição do capital. (BOURDIEU, 2008, p.54, grifo nosso).

É perceptível, na passagem acima, a característica de que a divisão estrutural do campo não é absoluta. Por mais que seja organizada em sua complexidade, ainda é suscetível a mudança. Para Bourdieu (2008), o contexto da luta seria a analogia mais perspicaz para comparar as acções praticadas no campo, sendo, por vezes, utilizado também o contexto do jogo. O que fica demonstrado é, tanto no contexto da luta quanto no contexto do jogo, a presença de quem triunfa (ditando as regras) e de quem perde (obedecendo às regras postas ou rebelando-se contra as mesmas). Contudo, o campo é um espaço de interações, de afinidades e de repulsas aos interesses ali postos. Sobre essa situação vital para o desenvolvimento da ciência, pois abre margem a mudanças, Bourdieu (2008, p.55, grifo nosso) comenta:

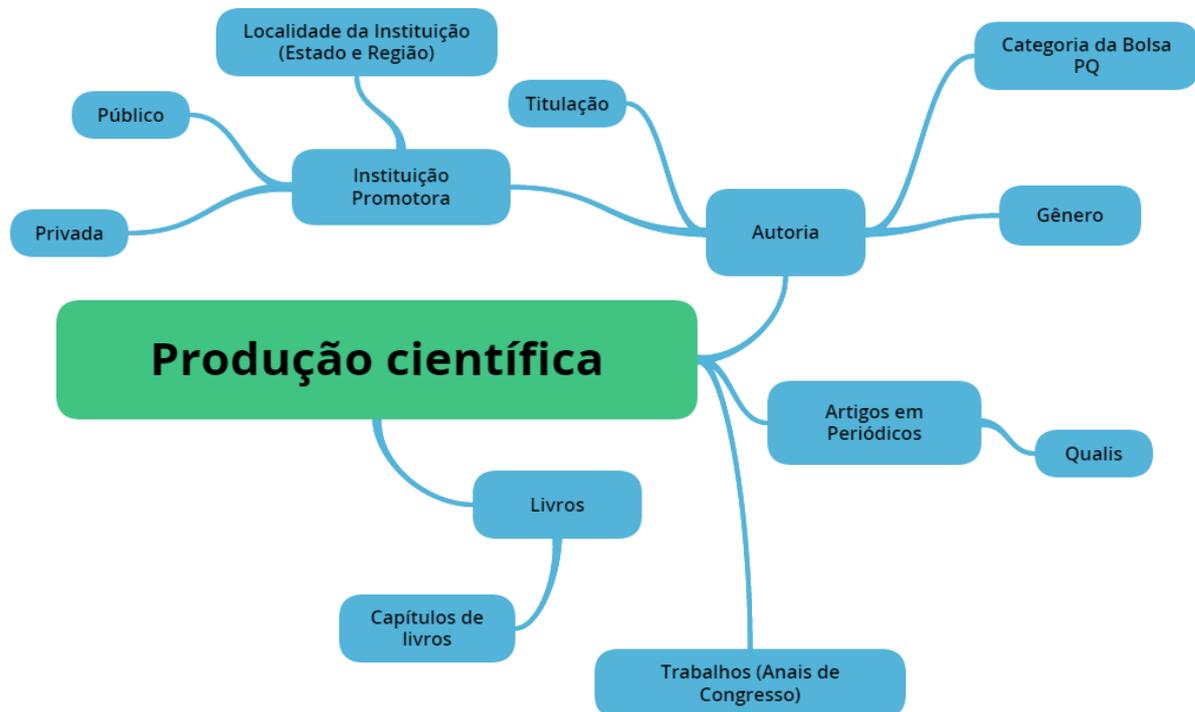
Longe de se manifestarem face a universos sem gravidade e inércia, em que poderiam desenvolver-se à vontade, as estratégias dos investigadores [agentes] são orientadas pelas limitações e possibilidades objectivas inscritas na sua posição e pela representação (ela própria ligada às suas posições) que podem ter da sua posição e da dos seus concorrentes, em função das suas informações e estruturas cognitivas. O espaço de manobra deixado às estratégias dependerá da estrutura do campo, caracterizada, por exemplo por um nível mais ou menos elevado de concentração de capital (que pode variar desde o quase monopólio [...] até uma distribuição quase igual entre todos os concorrentes); **mas organizar-se-á sempre em redor da oposição principal entre os dominantes [...] e os dominados. Os primeiros estão em posição de impor, geralmente sem nada fazer para isso, a representação da ciência mais favorável aos seus interesses, ou seja, a forma 'conveniente', legítima, de jogar as regras do jogo, portanto da participação no jogo.**

Os termos utilizados pelo autor, ao indicar que as estratégias não são realizadas em universos sem gravidade e inércia, evidenciam claramente a não fortuita maneira que a ciência é desenvolvida. Servem também como reforço para a ideia de que não basta apenas obedecer aos ritos propostos pelos sistemas de avaliação científica da atualidade, uma vez que apresenta questões sobre a eventual

constatação de privilégios conquistados facilmente por aqueles que detêm mais capital simbólico/científico.

Como mostra a figura 2, foram apreendidas nuances que visam identificar as colaborações responsáveis por ajudar a caracterizar o campo da Comunicação no Brasil, a partir de uma análise qualitativa do material mensurável (produção científica dos bolsistas PQ 1A realizada entre 2004-2013).

Figura 2 - Apreensão de características do campo da Comunicação



Fonte: Elaborado pelo autor.

2.4 EMPARELHAMENTO (TEORIA E EMPIRIA)

Não dependendo apenas da livre vontade acadêmica intelectual, guiada por orientação eminentemente científica, a produção científica dos bolsistas PQ 1 (1A; 1B; 1C; 1D) em Comunicação do CNPq é resultado de um complexo de relações sociais. Como demonstrado, essas relações obedecem a leis específicas, desenvolvidas por agentes e instituições presentes no campo científico.

A política científica nacional, com seu sistema de fomento baseado no reconhecimento do mérito acadêmico dos pesquisadores, estimula diretamente o binômio produção/productividade presente no campo científico. Assim, é reconhecido

claramente um contexto muito análogo à conjuntura da luta. Notoriamente, os trunfos, reconhecidos pelos demais pares, são as armas utilizadas para angariar vantagens.

Emparelhando a teoria defendida até aqui com o objeto empírico do trabalho, descreve-se que existem na área da Comunicação 53 bolsistas PQ 1 e 78 bolsistas PQ 2. As atividades do primeiro grupo são de cunho mais estratégico para o desenvolvimento de setores econômicos, culturais e de produção de sentido do Brasil, bem como para o desenvolvimento científico do próprio campo. Segundo a resolução normativa do CNPq (2006), é exigido do grupo PQ 2 apenas produtividade científica.

Vale salientar que é o próprio pesquisador quem se candidata a receber a bolsa de produtividade do CNPq. O tipo de bolsa que os pesquisadores poderão receber irá depender do tempo de titulação que o pesquisador possui (para a categoria PQ 1 é exigido o mínimo de 8 anos de titulação de doutor; para a categoria PQ 2 é exigido mínimo de 3 anos de doutor).

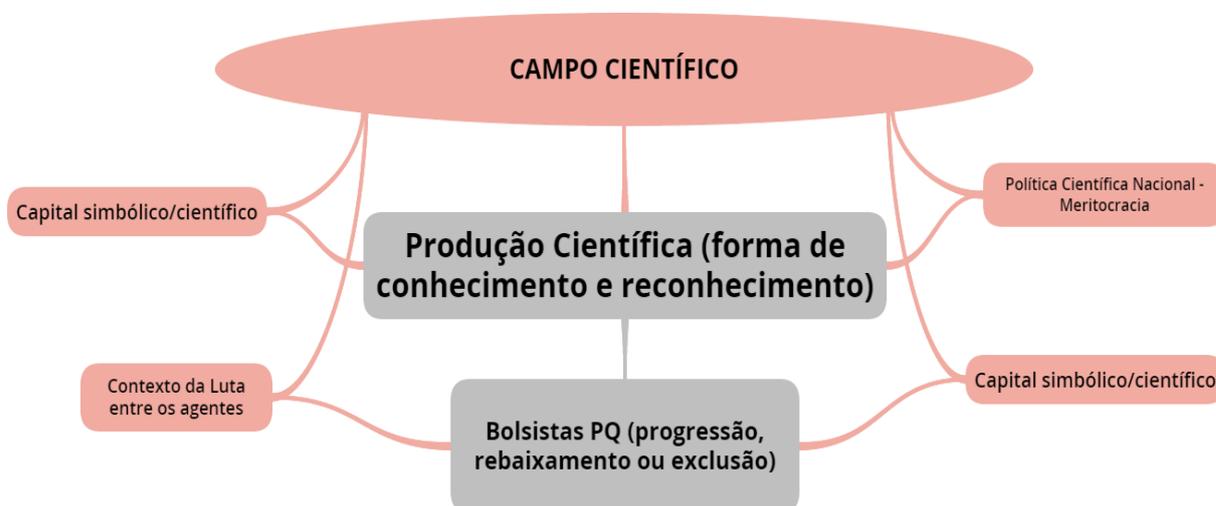
As posições ocupadas por esses pesquisadores são resultados de um processo de triagem realizado pelos Comitês de Assessoramento do CNPq, que têm por fundamento verificar: mérito científico de projetos desenvolvidos pelo pesquisador; relevância, originalidade e repercussão do candidato; atividades de formação em recursos humanos em nível de pós-graduação; contribuição científica, tecnológica e de inovação, incluindo patentes; coordenação ou participação em projetos científicos e/ou redes de pesquisa; inserção internacional do pesquisador; participação como editor científico; participação em atividades de gestão científicas e acadêmicas.

Vale lembrar que os critérios apontados acima podem implicar em progressão, rebaixamento ou exclusão do pesquisador, sendo visto que quando a quota de bolsas PQ 1 é atingida, o acesso dos PQ 2 para o grupo PQ 1 somente será feito em substituição a pesquisadores que tenham seus programas de pesquisa terminados; tenham sido movidos para o grupo PQ 2; excluídos do sistema ou promovidos à categoria sênior.

Neste sentido, é percebida uma relação de lutas entre os agentes que são coagidos a ter ou manter uma produtividade de destaque para permanecerem em suas devidas localizações ou para galgar posições em seu próprio grupo, por exemplo, de PQ 1B para PQ 1A.

A figura 3 demonstra o emparelhamento realizado no trabalho com o objeto de pesquisa e a teoria defendida no Referencial Teórico:

Figura 3 - Emparelhamento do objeto de estudo com a teoria



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na cor cinza, é destacado o objeto de estudo da pesquisa. A cor vermelha indica o referencial teórico comparado em análise. Logo acima, percebe-se a teoria do campo científico (BOURDIEU, 1983), abarcando tanto objeto estudado quanto as teorias complementares (Capital simbólico/científico; Contexto da luta entre os agentes) e de linha auxiliar (Política científica Nacional – Meritocracia).

No íterim das relações sociais estabelecidas no campo científico, em especial no Programa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, verifica-se que a produção científica, enquanto forma de conhecimento e reconhecimento, pode ser identificada como uma espécie de trunfo, pois a mesma, quando validada pelos pares, transforma-se em capital simbólico/científico.

Sendo potencialmente cumulativo, o capital científico reconhecido transforma-se em arma valiosa num contexto de luta entre os agentes presentes em um mesmo campo e que objetivam progressões. Entretanto, por haver quotas determinadas pelo CNPq (2006), para um agente avançar, outro deve retroceder ou ser excluído.

É possível encontrar trabalhos que trazem diferentes objetos de estudo, mas que são similares à temática proposta por esta pesquisa. São trabalhos realizados em diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo, o trabalho de Santos, Cândido e Kuppens (2010), que observou a área de Ciências Exatas. Os autores

tiveram como objetivos informar à comunidade científica e às agências de fomento sobre o perfil dos bolsistas PQ da área de Química e contribuir para a análise da distribuição dessas bolsas. Perceberam que a concentração dos bolsistas PQ em Química nas diferentes regiões do Brasil é desigual; perceberam a concentração dos bolsistas PQ, por categoria (PQ-1A, PQ-1B, PQ-1C, PQ-1D, 2), em diferentes instituições; perceberam qual gênero predominava neste conjunto de bolsistas (masculino).

Tendo como objeto de estudo os bolsistas PQ na área de Saúde Coletiva, Santos et al (2009) avaliaram o perfil dos bolsistas PQ selecionados por meio de análises sobre as informações presentes no Currículo Lattes. Concluíram que existia concentração regional desses pesquisadores (Sudeste); predominância da categoria da bolsa (PQ-2); produtividade científica e qualis das revistas utilizadas para publicação por esses bolsistas (internacional – qualis A e C; nacional – qualis B); prevalência de formação acadêmica (mestres>doutores). Em termos gerais, esses resultados mostraram proximidade aos resultados da pesquisa de Mendes et al (2010), que tiveram como objeto de estudo o perfil dos pesquisadores em bolsistas PQ na área de Medicina.

Dois estudos dedicaram atenção à área de Odontologia, sendo um marcado pela identificação dos bolsistas PQ da área (CAVALCANTI; PEREIRA, 2008) e outro por identificar a trajetória acadêmica dos bolsistas PQ em Odontologia selecionados no estudo (SCARPELLI et al, 2008). O trabalho de Cavalcanti e Pereira (2008) identificou a concentração regional dos bolsistas PQ selecionados (Sudeste); predominância do gênero masculina dos pesquisadores (65%); formação acadêmica (41% pós-doutores); áreas de atuação (patologia; clínica odontológica; endodontia e materiais dentários); vínculo com a pós-graduação (90,7%). O estudo de Scarpelli et al (2008) é mais específico, pormenorizando os resultados que podem ser encontrados em Cavalcanti e Pereira (2008).

Nas Ciências Humanas, são vistos trabalhos como o de Barbatho (2011), caracterizando as tendências na produtividade científica dos bolsistas PQ da área de história utilizando o recorte temporal entre o ano de 1985 até o ano de 2009. Barbatho (2011) percebeu: crescimento de produtividade destes bolsistas; prevalência de utilização do formato dos periódicos científicos, indicando uma mudança de preferência (antes livro); média de autoria coletiva (2-3 autores). Chalhub e Oliveira (2010) analisaram, no período de cinco anos (2005-2009), a

produção científica brasileira dos pesquisadores PQ-1 com bolsa em produtividade em pesquisa do CNPq. Concluíram que a oferta de bolsa de produtividade estimula o aumento de produção científica; os principais periódicos utilizados para publicação (Serviço Social e Sociedade, Ser Social, Revista Katalysis e Temporalis); identificou ainda a tendência de autoria única.

Silva, Menezes e Pinheiro (2003) trabalharam num contexto de maior abrangência, avaliando a produtividade científica dos bolsistas PQ das Ciências Humanas. Para isso, levantaram a produção bibliográfica na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de pesquisadores detentores de bolsa de produtividade do CNPq, caracterizaram a comunicação científica feita em canais formais e verificaram até que ponto o uso de indicadores, baseado nas publicações do ISI e do sistema Qualis, permitiam a visibilidade desta produção. Chegaram à conclusão de que não há consenso quanto à eficiência do uso dos indicadores; perceberam limitações no Sistema Qualis; e recomendaram a criação de um sistema próprio de avaliação científica.

Trabalhos deste tipo possuem a semelhante característica de apontar, a partir de um recorte temporal, os direcionamentos que são seguidos pelos pesquisadores de alto nível de determinadas áreas do conhecimento. São observações obtidas por meio de análises sobre a produção científica resultante de política científica nacional que leva em consideração o mérito. Nesta perspectiva, são criados, de acordo com as particularidades de cada área, mecanismos de reconhecimento sobre o capital científico dos pesquisadores que, quando acumulados, servem de trunfo para obtenção de benefícios.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção trará informações acerca da natureza da pesquisa que está sendo desenvolvida. Começará apontando as modalidades de análise e interpretação que caracterizam a mesma; informará também o contexto no qual a própria está envolvida, para isso descreverá seu objeto de estudo; por último, explicitará os métodos escolhidos para desenvolver a pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa pode ser caracterizada como exploratória, em que é utilizada modalidades de análise qualitativa sobre dados quantitativos. Aponta-se ainda o emparelhamento como a estratégia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa.

3.1.1 Pesquisa exploratória

Esta pesquisa é pautada na busca exploratória de informações concernentes ao objeto de estudo, visando, com isso, melhor entendê-lo ou compreender fenômenos relacionados ou consequentes do mesmo. Com isso, afirma-se que a pesquisa irá explorar as produções científicas bibliográfica (artigos em periódicos científicos, capítulos de livros, livros e artigos em anais de congresso) entre os anos de 2004-2013 dos 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação do CNPq e utilizará como estratégia a análise qualitativa destas produções.

Foi realizada uma revisão de literatura que se mostrou harmônica com o problema da pesquisa. As fontes de informações escolhidas para a construção do referencial teórico podem ser entendidas como uma seleção estratégica de alguns trabalhos para o desenvolvimento da pesquisa (LAVILLE; DIONNE, 1999).

3.1.1.1 Análises qualitativas

Esta pesquisa se utiliza do mesmo argumento apresentado por Laville e Dionne (1999, p.225), em que é possível entender que as perspectivas quantitativas e qualitativas não se opõem “[...] e podem até parecer complementares, cada uma ajudando à sua maneira o pesquisador a cumprir sua tarefa, que é a de extrair as

significações essenciais da mensagem”. Com isso, a análise qualitativa é vista como solução para o entendimento do material estatístico que será presente no estudo.

3.1.1.2 Emparelhamento

Na pesquisa científica, a busca pela objetividade prevalece em detrimento a procedimentos aleatórios e subjetivos, visando à continuidade da pesquisa estruturada, rigorosa e sistemática. Dentre as três estratégias descritas por Laville e Dionne (1999), a que estabelece maior proximidade com a maneira de desenvolvimento desta pesquisa é o emparelhamento.

O método de emparelhamento é uma associação estratégica que supõe:

[...] a presença de uma teoria sobre a qual o pesquisador apoia-se para imaginar um modelo do fenômeno ou da situação em estudo. Cumpre-lhe em seguida verificar se há verdadeiramente correspondência entre essa construção teórica e a situação observável, comparar seu modelo lógico ao que aparece nos conteúdos, objetos de sua análise. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.227).

Em detalhes, o subitem 2.5 da seção anterior demonstra a construção teórica escolhida²² e realiza um plausível diálogo desta com o objeto de estudo.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – foi criado em 1951 e assume como prioridade desempenhar atividades relativas à formulação e condução de políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação. Nesse entendimento, é descrita como missão fomentar a ciência, tecnologia e inovação, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional. A instituição descreve como visão ser reconhecida em grau de excelência na promoção da CT&I, como elementos centrais do pleno desenvolvimento da nação brasileira²³.

²² Campo científico; Capital simbólico/científico; Contexto da luta entre os agentes (BOURDIEU, 1983; 2008); Política Científica Nacional-Meritocracia (MOREL, 1979)

²³ Disponível em: < <http://www.cnpq.br/web/guest/o-cnpq> >. Acesso em: 20 nov. 2014.

O Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa é indicado como um dos responsáveis por avanços na pós-graduação brasileira (SBPC, 2011), sendo responsável pelo fomento, que visa aumentar/melhorar a produtividade dos pesquisadores selecionados. Existem, aproximadamente, 14.433 bolsistas de produtividade no Brasil²⁴. Especificamente, para o contexto desta pesquisa, indica-se a existência de 53 bolsistas PQ 1 na área de Comunicação.

No portal do CNPq, é possível obter informações básicas dos bolsistas de produtividade em pesquisa, em geral informações relativas a: nome; grande área; área; e-mail; Currículo Lattes; modalidade/nível; vigência da bolsa; instituição/Unidade da Federação – UF/país.

Para o CNPq, a ferramenta Currículo Lattes é entendida como estratégica para atividades de planejamento e gestão; para a formulação das políticas do Ministério de Ciência e Tecnologia e de outros órgãos governamentais da área de ciência, tecnologia e inovação²⁵. É conferida pelo CNPq à Plataforma Lattes, pelo potencial de reunir diversas informações, a característica de elemento indispensável para a análise de mérito e competência dos que concorrem a financiamentos na área de ciência e tecnologia.

Percebe-se que informações mais completas podem ser encontradas no próprio Currículo Lattes do bolsista de produtividade em pesquisa, como por exemplo: formação acadêmica; número de trabalhos publicados (de autoria própria ou em coautoria); periódicos escolhidos para publicação; e a data de atualização do currículo e etc.

A ferramenta do Currículo Lattes, pela riqueza de informações disponibilizadas, é tida como ideal para a coleta de dados referentes ao estágio quantitativo da pesquisa.

3.3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Nesta seção, seguem descritas as etapas que foram desenvolvidas na pesquisa, são elas:

²⁴ Informação obtida no *site* do CNPq, localizado em: Portal CNPQ>Geral>Bolsas e Auxílios>Bolsas e Auxílios Vigentes>Bolsas. Foram utilizados como filtros de busca: 1. Brasil; 2.Todos os Estados; 3.Todas as Instituições; 4. Todas as Grandes Áreas; 5.Todas as Áreas; 6. Produtividade em Pesquisa; 7. Todos os Níveis. A data de verificação foi 21 set. 2014.

²⁵ Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

A - Levantamento e revisão de leitura exploratória.

– Foi realizada uma consulta a publicações e referências sobre a temática em livros, teses e dissertações e também na Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo). A partir disso, buscou-se apresentar neste trabalho novas contribuições teórico-metodológicas tanto para o campo da Ciência da Informação quanto para o da Comunicação.

B - Identificação dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq.

– Em 11 de setembro de 2014, foi realizada a identificação dos 53 bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq da área de Comunicação no Portal do CNPq seguindo o seguinte mapa do *site*²⁶: Portal CNPq > Geral > Bolsas e Auxílios > Bolsas e Auxílios Vigentes > Bolsas. Utilizando os seguintes filtros de busca: 1. Todos os Países; 2. Todos os Estados; 3. Todas as Instituições; 4. Todas as Grandes Áreas; 5. Comunicação; 6. Produtividade em Pesquisa; 7. Todos os Níveis; estabelecendo parâmetros de confirmação, esta atividade também foi realizada por meio de conferência do documento *Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ, Bolsas em curso - Comunicação* (endereço *online* disponível nas Referências);

C - Levantamento dos currículos Lattes e detalhamento de dados de todos os bolsistas PQ 1 de Comunicação.

– No dia 11 de setembro de 2014, foi realizada a coleta de dados a partir dos currículos Lattes dos 53 bolsistas PQ 1. Os dados destes pesquisadores estão organizados e hospedados na Plataforma Lattes do CNPq²⁷.

Informações sobre: nome; instituição; localização da Instituição de Ensino Superior (IES) e denominação da mesma – Pública ou Privada; formação acadêmica do pesquisador e estágio pós-doutoral; número de artigos publicados em periódicos científicos; produção de livros e capítulos de livros; títulos dos periódicos escolhidos

²⁶ Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/geral>

²⁷ Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2014

para publicação; estrato qualis das revistas científicas escolhidas; e última atualização do Currículo Lattes.

D - Tratamento dos dados encontrados.

– Seleção e categorização de informações dos bolsistas PQ 1 de Comunicação.

Foram selecionados metadados referentes a: autoria do pesquisador; formação acadêmica do pesquisador e estágio pós-doutoral; IES vínculo do bolsista; categoria da bolsa; produção científica (livros; capítulos de livros; artigos em periódicos e trabalhos publicados em anais de congresso). Essas informações foram organizadas e comparadas, tendo como critério a tentativa de melhor representar o perfil e a contribuição dos bolsistas PQ 1 para o campo científico nos últimos 10 anos e encontrar possíveis relações sociais de poder presentes neste grupo de pesquisadores.

E - Desenvolvimento de gráficos e tabelas para melhor visualizar os dados encontrados no Currículo Lattes dos bolsistas PQ em Comunicação.

– Ferramenta utilizada: *Software* Excel.

F - Identificar no WebQualis – CAPES, o Estrato dos Periódicos encontrados no currículo dos Pesquisadores²⁸.

– Após a identificação dos periódicos científicos utilizados para publicação da produção científica, foi realizada a identificação do Estrato (conceito) que o sistema WebQualis – CAPES confere a tais revistas.

– Verificou-se o conceito das revistas que são utilizadas com maior frequência em nível nacional (recorrência ≥ 10) e regional (recorrência ≥ 5).

– Representação dos resultados por meio de gráficos e tabelas.

²⁸ No contexto supracitado, será observado o Qualis relativo à área de Ciências Sociais Aplicadas I.

4 RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

Com base na análise das 3.548 produções científicas (artigos em periódicos científicos, capítulos de livros, livros e artigos em anais de congresso) dos 53 bolsistas de produtividade em pesquisa em Comunicação do grupo 1 do CNPq, conseguiu-se indicativos capazes de revelar peculiaridades presentes no campo científico. Como consequência de um conjunto de relações sociais, desempenhadas em um ambiente específico, dotado de lógica e leis próprias, essas produções, quando tratadas, traduziram não apenas as colaborações realizadas, mas também auxiliaram para uma melhor compreensão do campo.

Informações sobre a produção científica realizada por este grupo, entre os anos de 2004 a 2013, foram resgatadas na Plataforma Lattes do CNPq, utilizando a ferramenta do Currículo Lattes. A busca foi realizada no dia 11 de setembro de 2014. A tabela 1 demonstra o último período (mês/ano) de atualização dessas informações.

Tabela 1 - Período de atualização das informações

Última atualização	Quantidade de pesquisadores	%
Fev/2013	1	2%
Abr/2014	1	2%
Mai/2014	4	7%
Jun/2014	3	6%
Jul/2014	3	6%
Ago/2014	18	34%
Set/2014	23	43%
TOTAL	53	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Serão demonstrados os resultados da pesquisa, apresentando-os em escala nacional e em seguida o detalhamento para as regiões onde estão localizados os pesquisadores estudados (Sudeste; Sul; Nordeste; Centro-Oeste).

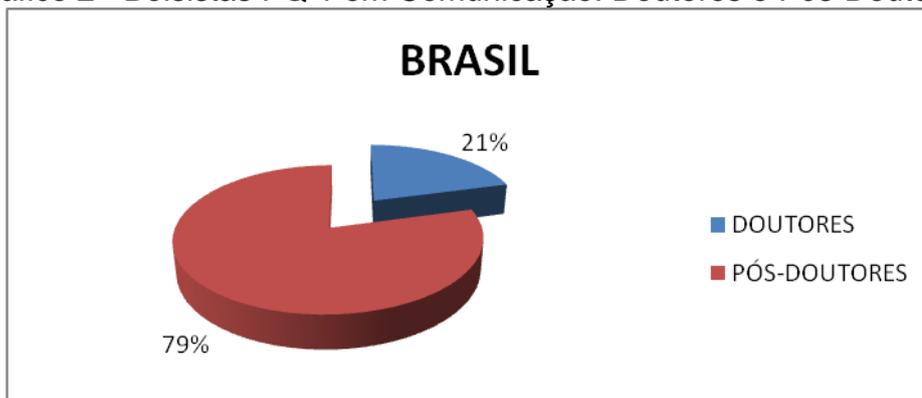
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA: Brasil

Os resultados traduzem informações sobre o perfil dos pesquisadores estudados; a características sobre as instituições de ensino superior a que estão vinculados; à formação acadêmica destes profissionais; e também aos números

brutos das produções científicas (capítulos de livro; artigos em periódicos; trabalhos em anais de congresso; livros).

Como afirma Morel (1979), valores como a busca pelo conhecimento são forças que motivam os cientistas, ainda segundo a autora, o alcance de tais valores podem se configurar como trunfos/diferenciais para o pesquisador. Esse pensamento partilhado por Morel (1979) é muito semelhante ao pensamento de Bourdieu (2004). Assim, é possível levar em consideração o fato de que a formação acadêmica e a realização de estágios pós-doutorais desses pesquisadores podem se configurar como uma forma de capital científico, exercendo importante representatividade no campo. Foi realizado, como indicado no gráfico 2, o seguinte levantamento:

Gráfico 2 - Bolsistas PQ 1 em Comunicação: Doutores e Pós-Doutores

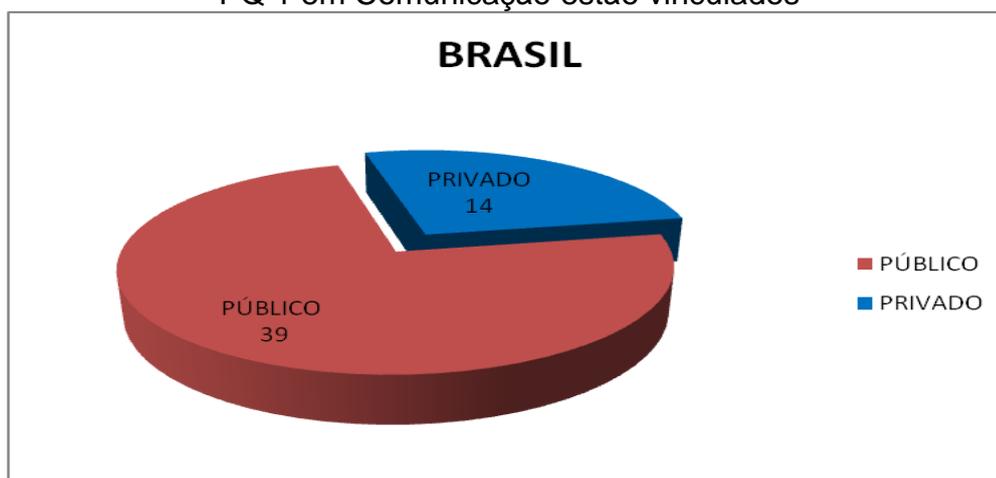


Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria de Pós-Doutorado é registrada no currículo de 42 pesquisadores (79%), enquanto apenas 11 bolsistas (21%) têm a exclusiva categoria de Doutor. Esses números apontam o nível de aperfeiçoamento alcançado pelos pesquisadores PQ 1, e representam, de alguma forma, maturidade para a prática científica.

Outro fator a ser observado são as instituições vínculo deste grupo de bolsistas. A SBPC (2011) reconhece que a maioria dos pesquisadores do Brasil está localizada nas universidades, nesta corrente, é apresentada no gráfico 3 a denominação destas Instituições de Ensino Superior:

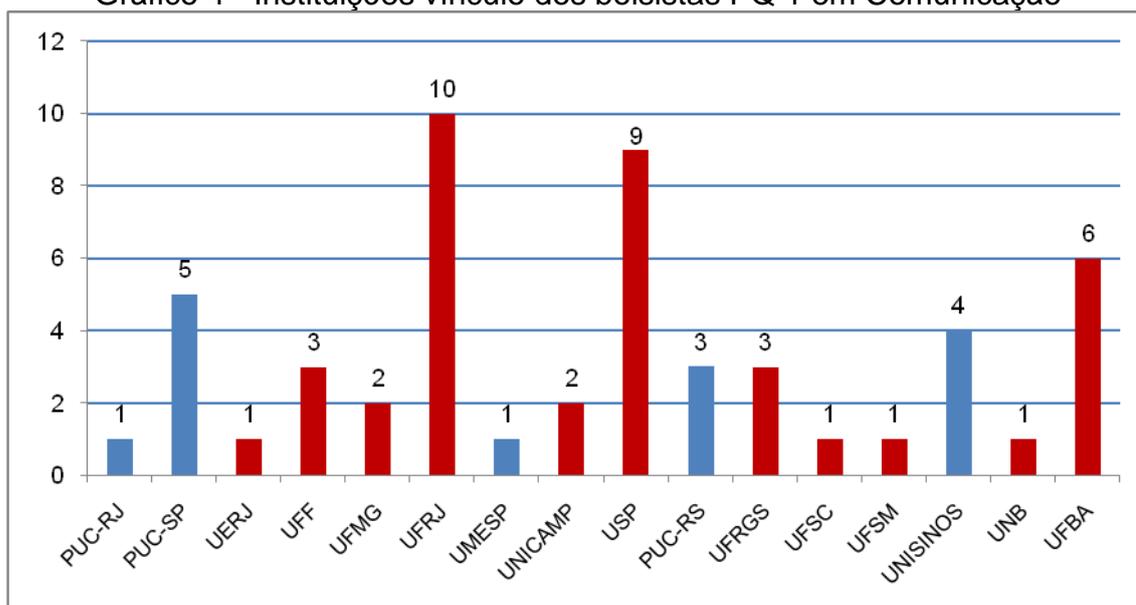
Gráfico 3 - Denominação das Instituições de Ensino Superior em que os bolsistas PQ 1 em Comunicação estão vinculados



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico acima confirma uma tendência apontada pela SBPC (2011), demonstrando que são as universidades públicas as responsáveis pelos maiores centros de pesquisa do país. Neste caso específico, é apontado que 39 pesquisadores possuem vínculo com universidades públicas (74%), enquanto 14 são de instituições privadas (26%). É demonstrada no gráfico 4 as Instituições de Ensino Superior onde estão vinculados os bolsistas PQ 1.

Gráfico 4 - Instituições vínculo dos bolsistas PQ 1 em Comunicação



Fonte: Elaborado pelo autor.

A cor vermelha representa as instituições públicas de ensino, a azul as privadas. A maioria das instituições são públicas federais, possuindo um somatório de 8 universidades (54%) e de 27 bolsistas; as instituições públicas estaduais são representadas por 2 universidades (13%) e por 12 pesquisadores; já as instituições privadas de ensino têm um somatório de 5 universidades (33%) e 14 pesquisadores.

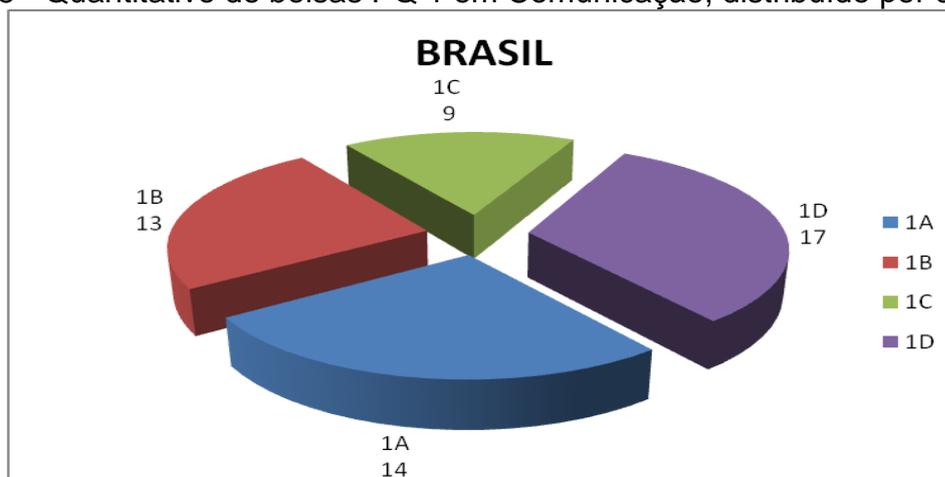
É importante afirmar que existe uma predominância dos bolsistas PQ 1 nas universidades públicas. Vale salientar que as universidades públicas concentram, segundo Viotti (2010), cerca de 90% dos laboratórios e centros de pesquisa (pesquisa científica e tecnológica), e possuem maior capacidade de formação de recursos humanos em graduação e pós-graduação. Com isso, a vinculação de um pesquisador tende a ganhar significações simbólicas perante seus pares. Cabe frisar que isso que existem no Brasil universidades privadas de tradição com excelentes laboratórios e centros de pesquisa.

4.1.1 Bolsistas PQ 1: categorias, ano de início das atividades e produção científica

Existe uma divisão no grupo bolsistas PQ 1 em quatro diferentes níveis. A Resolução Normativa 016/2006 do CNPq indica que a categoria PQ 1A é reservada “[...] a candidatos que tenham mostrado excelência continuada na produção científica e na formação de recursos humanos, e que liderem grupos de pesquisa consolidados”. Para os níveis PQ 1B e 1C, a mesma resolução sugere que o espaço é reservado para bolsistas que mostraram uma crescente colaboração à formação de recursos humanos especializados; à produção científica e tecnológica de qualidade; e contribuíram na organização de grupos de pesquisa e programas de graduação das instituições vínculo destes pesquisadores.

São capitais científicos notoriamente reconhecidos pelos agentes que compõem o campo científico da Comunicação. Com isso, verificou-se (GRÁFICO 5) como está configurada a divisão dos bolsistas PQ 1.

Gráfico 5 - Quantitativo de bolsas PQ 1 em Comunicação, distribuído por categorias

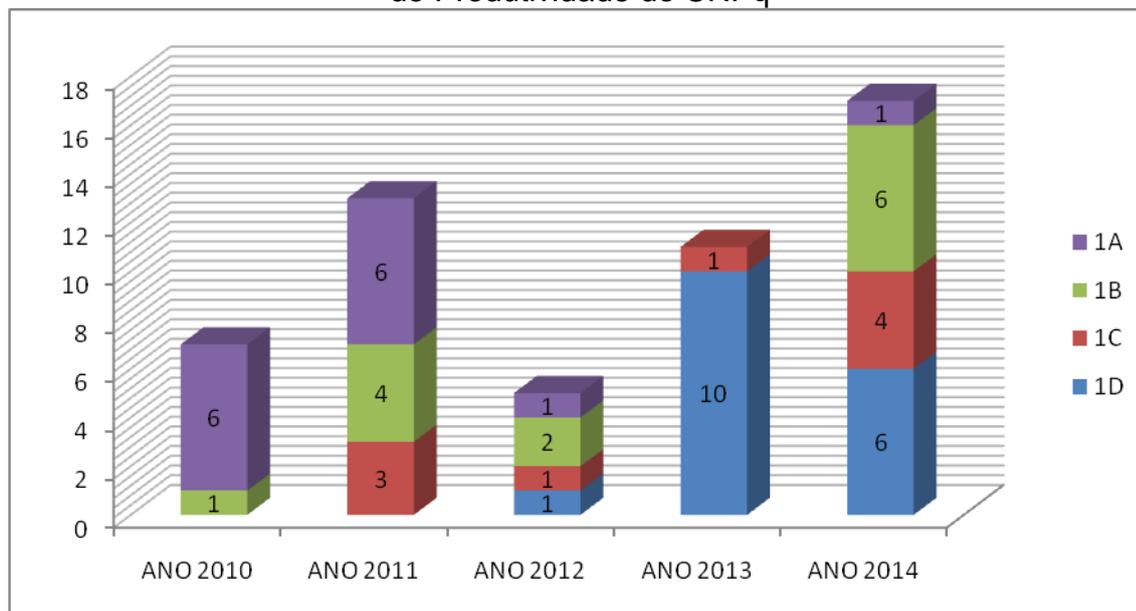


Fonte: Elaborado pelo autor.

A divisão do grupo ocorre da seguinte forma: 14 bolsistas PQ 1A (26%); 13 pesquisadores possuem nível 1B (25%); 9 estão na categoria 1C (17%); e 17 bolsistas 1D (32%). É uma divisão, dentro dos limites, equilibrada, cabendo ressaltar que o grupo 1A, 1B e 1C, considerados de maior destaque pelo CNPq, corresponde a 68% do total. Com base nas exigências presentes na Resolução Normativa de número 016/2006 do Programa de Bolsa de Produtividade, é visto que o grupo de pesquisadores PQ 1A, 1B e 1C, além de demonstrarem desenvoltura e qualidade nas atividades exercidas, tem, em suas respectivas produções, reconhecimento nacional e internacional e são responsáveis pelo desenvolvimento ou melhoramento da pesquisa e ensino de graduação e pós-graduação. Nesta corrente, os subgrupos representados por 68% conseguem refletir para a área da Comunicação excelentes perspectivas de crescimento e aperfeiçoamento do conhecimento.

O gráfico 6 indica o ano em que os pesquisadores desse grupo iniciaram suas atividades de pesquisas vinculadas ao Programa de Bolsa de Produtividade do CNPq.

Gráfico 6 - Ano de início - atividades acadêmicas vinculadas ao Programa de Bolsa de Produtividade do CNPq

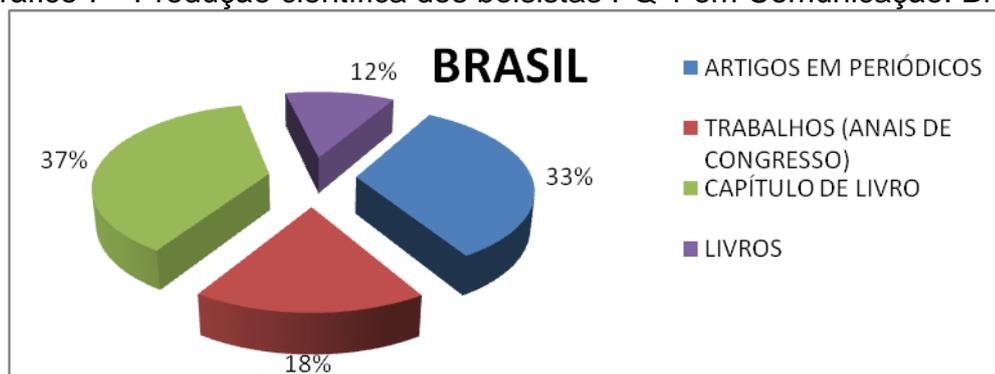


Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que o atual grupo de bolsistas PQ 1 começou a se formar em 2010, mostrando ápices em 2011 e 2014. Ainda assim, vale salientar que foram analisadas as produções científicas dos mesmos entre os anos de 2004 e 2013. Os motivos para isso são: i) o grupo começou a se formar em 2010, porém são as atividades (produção científica; formação acadêmica de recursos humanos especializados e produção científica e tecnológica) de anos anteriores que são avaliadas pelo CNPq a fim de conceder o benefício da bolsa de produtividade; ii) metodologicamente, foi necessário realizar um recorte temporal para a realização da análise.

A mencionada produção científica realizada pelos pesquisadores é vista no gráfico 7. Da produção científica coletada, foi perceptível a preferência por capítulos de livro, totalizando de 1.331 registros (37%) entre os anos de 2004 até 2013. Em seguida, destacam-se, com 1.171 produções (33%), os trabalhos em formato de artigos publicados em periódicos. Obras contidas em anais de congresso e livros foram menos expressivos, tendo, respectivamente, o somatório de 626 (33%) e 420 (12%).

Gráfico 7 - Produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Brasil



Fonte: Elaborado pelo autor.

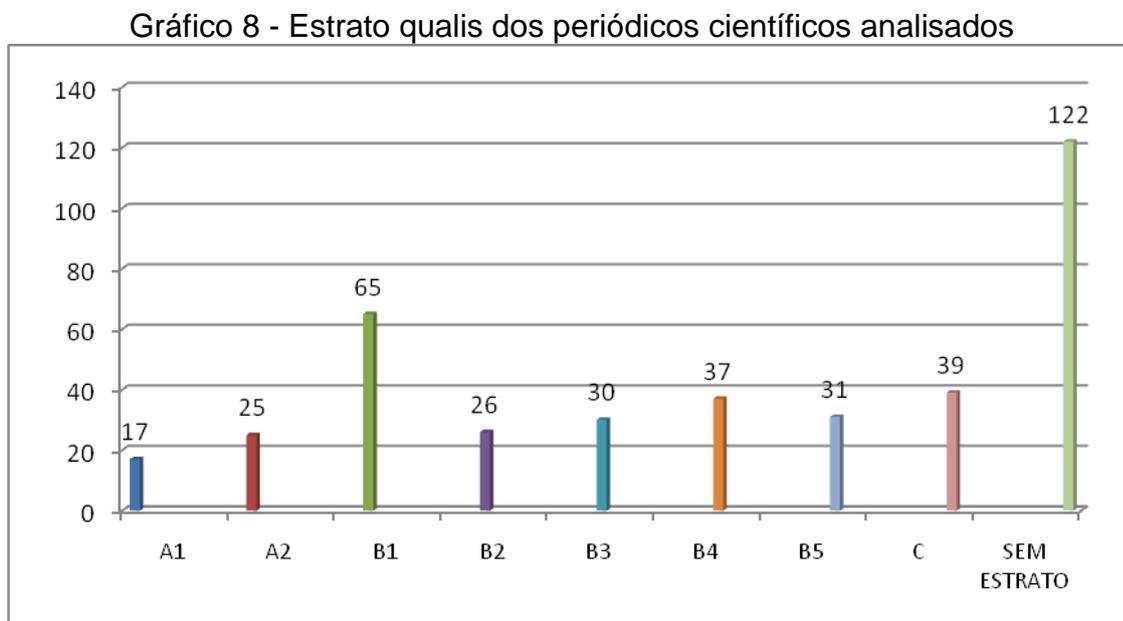
O baixo número de produções encontradas em anais de congresso e publicações demonstra uma característica peculiar deste grupo de agentes pesquisados. Uma hipótese levantada é a de que o dinamismo exigido do pesquisador para apresentação, e posterior registro em anais, de trabalhos em congressos pode não ser compatível ao perfil dos pesquisadores de alto nível do programa de bolsas de produtividade. Com dinamismo diferenciado da proposta de produção direcionada a congressos acadêmicos, encontra-se a sugestão das publicações em periódicos, que, segundo os números apresentados, apresenta-se mais condizente as preferências dos bolsistas. Fatores como a influência do periódico na comunidade científica, avaliação do Sistema de WebQualis também certificam a preferência observada no gráfico 7.

Pormenorizando o levantamento realizado sobre os artigos publicados em periódicos, foi descrito quais são os estratos conferidos às revistas recorridas pelos pesquisadores para publicar o desenvolvimento ou resultado de suas pesquisas. Os estratos pesquisados foram conferidos na avaliação 2010/2012, realizada pelo WebQualis, na área de Ciências Sociais Aplicadas I. As classificações realizadas por esse sistema são: A1 (maior conceito), A2, B1, B2, B3, B4, B5, C (pior conceito). Vale ressaltar que existem revistas que não são reconhecidas pelo sistema de avaliação supracitado.

No Brasil, 392 periódicos foram utilizados pelos pesquisadores para a publicação de 1.171 produções (lista completa dos títulos dos periódicos, recorrência e estrato qualis vide Apêndice A). Deste montante, 65 são classificadas com estrato B1 (17%); 39 de conceito C (10%); 37 qualificadas como B4 (9%); 31 são B5 (8%);

30 são B3 (8%); 26 classificadas como B2 (7%); 25 de conceito A2 (5%); e 17 periódicos são qualificados como A1 (4%).

Os números são complementados com o expressivo fato de que 122 (31%) periódicos utilizados pelos bolsistas PQ 1 não possuem classificação na atual versão do sistema de avaliação WebQualis (2014). É um número significativo, visto que foram 179 publicações, ou seja, 15% da produção, sem um indicativo de qualidade. É percebido que mesmo sendo considerados pesquisadores de alto nível na área da Comunicação, os bolsistas PQ 1 não desconsideram as revistas que não possuem estrato qualis. Esses dados vão, em partes, de encontro com a afirmação de que para manter progressos ou estabilidade no campo científico o pesquisador deve estabelecer como prioridade o acúmulo de capital. No entanto, como assegurado anteriormente, cada área específica do conhecimento estabelece mecanismos próprios de reconhecimento de capital científico, ou seja, o que pode ocorrer é que alguns periódicos que são desconsiderados pelo sistema WebQualis podem ser reconhecidos pelos pesquisadores da Comunicação. O gráfico 8 demonstra essa divisão:



Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela 2 lista os periódicos a que os bolsistas PQ 1 mais recorreram entre os anos de 2004-2013. Dos 392 periódicos pesquisados, 26 tiveram uma recorrência

igual ou maior que 10. Este parâmetro foi definido para visualizar as revistas mais utilizadas em nível nacional.

Tabela 2 - Periódicos mais recorrentes (≥ 10): Brasil

PERIÓDICO	ESTRATO QUALIS	RECORRÊNCIA
E-COMPOS	A2	54
REVISTA FAMECOS	A2	53
MATRIZES	A2	37
COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO	B1	37
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO (USP)	B2	27
GALÁXIA	A2	23
INTERCOM	A2	18
ALCEU	B1	18
CONTEMPORÂNEA	B1	18
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE	B1	16
REVISTA FRONTEIRA	B1	16
CONTRACAMPO	B1	14
EPITC	B1	14
LOGOS	B1	14
REVISTA FAMECOS (IMPRESSO)	A2	13
TRAJECTOS	B3	13
REVISTA 2 CULTURAL	B4	13
IN TEXTO	B1	12
REVISTA ECO-PÓS	B1	12
SIGNIFICAÇÃO: REVISTA DE CULTURA AUDIOVISUAL	B1	12
HERMÉS	A1	11
BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH	B1	11
ECO	B1	11
RAZÓN Y PALABRA	B1	11
DIALOGOS DE LA COMUNICACIÓN	B1	10
REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN	B1	10

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram 236 produções em 16 periódicos classificados como B1 (61%); 198 artigos divulgados em 6 revistas científicas de estrato A2 (23%); 27 trabalhos em revistas B2 (4%), 13 artigos em revista B3 (4%), 13 produções em periódico B4 (4%); e 11 publicações em 4 periódico de qualis A1 (4%).

Todos os resultados apresentados indicam as contribuições dos bolsistas PQ 1 para o campo científico da Comunicação, bem como servem para esboçar a complexa estrutura do campo científico de uma área específica do conhecimento.

São aspectos que demonstram, mesmo que de forma genérica, o capital simbólico/científico de um seletivo grupo de pesquisadores.

Para o alcance das informações apresentadas, algumas dificuldades foram ultrapassadas. Estratégias foram criadas para um melhor desempenho na pesquisa, na busca da eficiência e conquista segura de resultados. São apresentadas a seguir as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento deste estágio da pesquisa.

Etapa 1 - Identificação dos bolsistas PQ de Comunicação:

Nesta etapa, duas fontes foram utilizadas: o documento *Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ, Bolsas em curso - Comunicação* e o Portal do CNPQ (Portal do CNPQ>Bolsas>Geral>Bolsas e Auxílios>Bolsas e Auxílios Vigentes>Bolsas). A data de consulta das fontes foi 11 de set. de 2014.

Dificuldade(s) encontrada(s):

- Divergência do número total de bolsistas PQ em Comunicação. No Portal é indicado que existem 54 bolsistas, porém, no documento *Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ, Bolsas em curso - Comunicação* é indicado o número de 53 bolsistas;
- No documento *Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ, Bolsas em curso - Comunicação* um(a) bolsista PQ-1B da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) teve, segundo o CNPq - Plataforma Lattes, sua bolsa interrompida por motivo de estágio ou pós-doutoramento no exterior, ou por nomeação para cargo em comissão do grupo de Direção e Assessoramento Superior (DAS) do CNPq.

Estratégia adotada: Visto que ao todo 1 pesquisador(a) deixou de receber o benefício do programa de produtividade em pesquisa do CNPq, e, tomando por base a data de consulta as fontes documentais, o estudo foi realizado a partir da observação dos 53 bolsistas PQ 1 que não apresentaram restrições, e, para o desenvolvimento do trabalho, seguiu-se como fonte o documento *Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ, Bolsas em curso - Comunicação*.

Etapa 2 - Seleção e categorização dos dados levantados

Foram encontradas ausências informacionais, tais como: falta de identificação de endereço de trabalho dos pesquisadores; e imprecisões para registrar os títulos dos periódicos.

Dificuldades encontradas:

- Existe um(a) pesquisador(a) PQ-1D que está, segundo o Portal do CNPq e o documento relativo a bolsas PQ vigentes, vinculado(a) à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), porém, no Currículo Lattes do(a) pesquisador(a), é registrado que o vínculo é com a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM);
- Alguns pesquisadores não registram o endereço profissional no Lattes;
- Omissão de palavras que definem detalhadamente o título do periódico científico.

Estratégia adotada: Sobre os pesquisadores que possuíam vínculos divergentes, adotou-se a informação oferecida pelo documento relativo a bolsas vigentes; sobre a falta de registro do endereço profissional foram realizadas buscas nas páginas institucionais de universidades; em relação à omissão de informações que definissem originalmente o título do periódico científico, foi levada em consideração literalmente a informação contida no Currículo Lattes do pesquisador, de modo que, caso fosse constatado dubiedades, o periódico seria categorizado como “sem estrato”.

4.2 RESULTADOS DA PESQUISA: por regiões

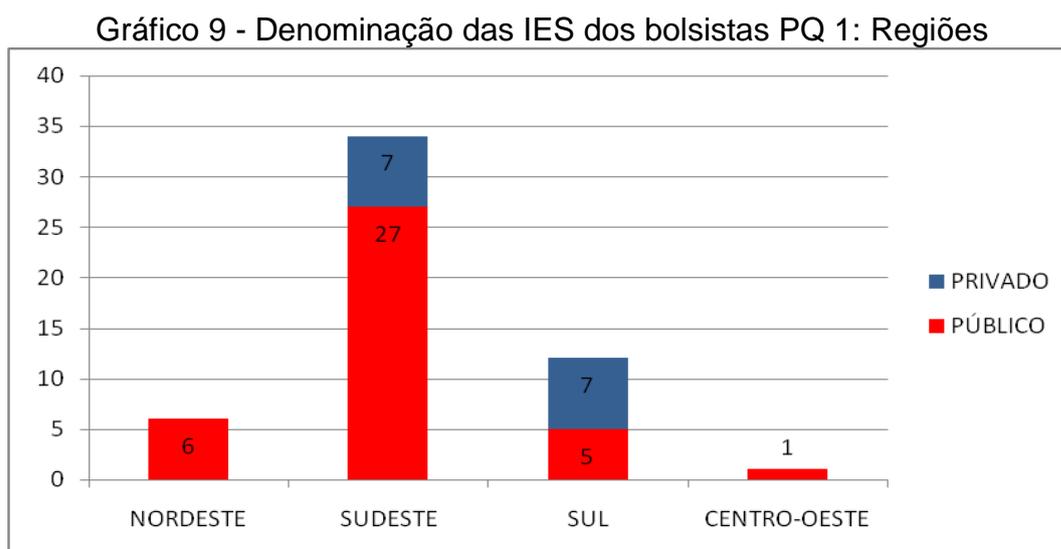
O detalhamento dos resultados em nível nacional serve para mostrar as possíveis analogias e diferenças presentes nas regiões do Brasil (Sudeste²⁹; Sul³⁰;

²⁹ São Paulo (SP); Rio de Janeiro (RJ); Minas Gerais (MG).

³⁰ Rio Grande do Sul (RS); Santa Catarina (SC).

Nordeste³¹; Centro-Oeste³²). Neste sentido, foram realizadas comparações de resultados sobre o perfil dos pesquisadores; a características sobre as instituições de ensino superior que eles estão vinculados; à formação acadêmica destes profissionais; e comparativos sobre as produções científicas (capítulos de livro; artigos em periódicos; trabalhos em anais de congresso; livros).

As IES desempenham papel importante para o desenvolvimento das pesquisas desses bolsistas. Este fator não se limita ao espaço físico que elas oferecem, inclui-se ainda o quadro técnico e administrativo, a comunidade acadêmica, etc. A natureza da IES também pode interferir na vivência destes pesquisadores e no desenvolvimento de suas pesquisas. O gráfico 9 demonstra, por regiões, em que tipo de instituições (públicas ou privadas) os bolsistas estão vinculados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados referentes à denominação das IES ao qual eles estão vinculados já foram apresentados. Esta seção segue apenas o detalhamento das informações antes apresentadas. Apenas na região Sul foi constatado que a maioria dos pesquisadores está lotada em instituições privadas. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade do vale do Rio dos Sinos concentram três e quatro pesquisadores, respectivamente. Esses números demonstram a tradição dos estudos em Comunicação percebido nestas específicas

³¹ Bahia (BA).

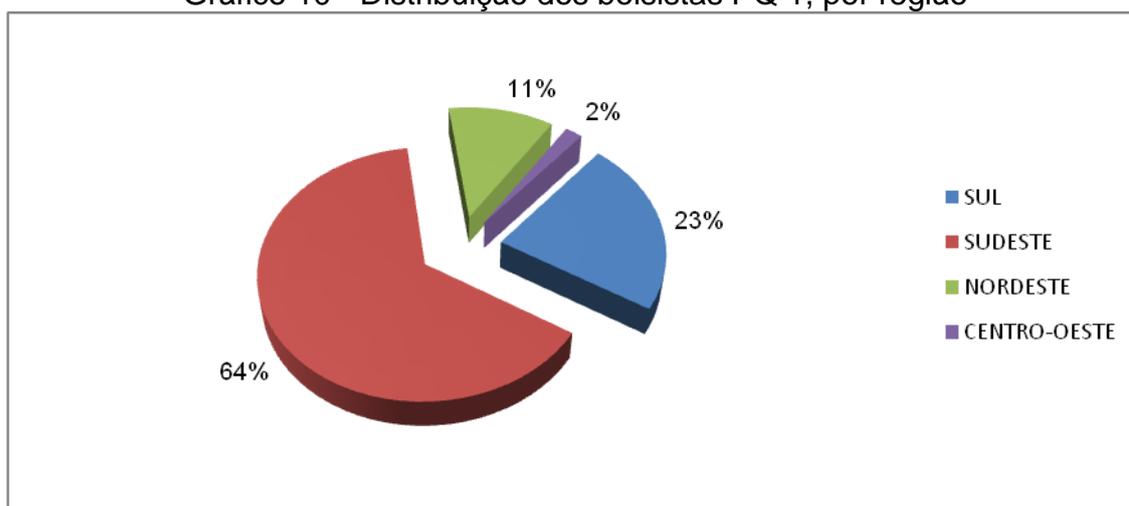
³² Distrito Federal (DF)

instituições da região Sul. É recordado ainda que os cursos de mestrado e doutorado da UNISINOS alcançaram o conceito 6 na última avaliação da CAPES aos cursos de Pós-Graduação *strictu sensu*.

4.2.1 Bolsistas PQ 1: distribuição, categorias, produção científica

Os 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação estão presentes e atuantes em quatro regiões. O Sudeste concentra a maior parte dessa divisão. Ao todo estão presentes 34 pesquisadores (64%). O Sul tem a segunda maior parcela, concentrando 12 bolsistas (23%). O Nordeste mostra presença com um grupo de seis bolsistas (11%) e o Centro-Oeste conta com apenas um (2%). Os dados estão representados no gráfico 10.

Gráfico 10 - Distribuição dos bolsistas PQ 1, por região

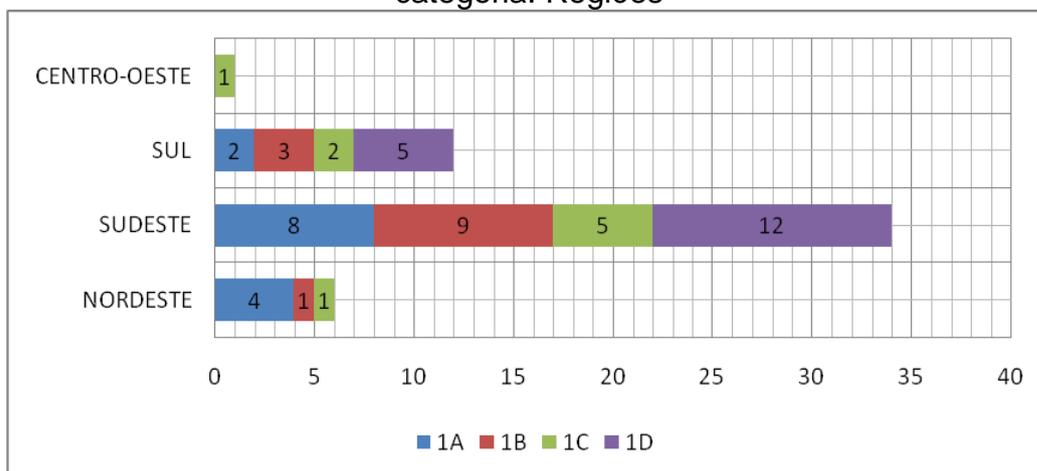


Fonte: Elaborado pelo autor.

Enquanto existe déficit de bolsas de produtividade em pesquisa em nível de excelência na maior parte das regiões, o Sudeste concentra a maior parte das bolsas PQ 1, demonstrando estar em situação favorável na comparação com outras partes do país. Uma justificativa plausível para esta distribuição poderia ser a concentração dos Programas de Pós-Graduação (PPG) *strictu sensu* em Comunicação existentes no Sudeste, tradicionalmente responsável pela maior parte da produção científica da área (LOPES, 2010).

Quando é vista a distribuição das bolsas por nível/categoria (1A; 1B; 1C; 1D), o Sudeste também detém posição destaque. O gráfico 11 aponta como a divisão das bolsas está configurada.

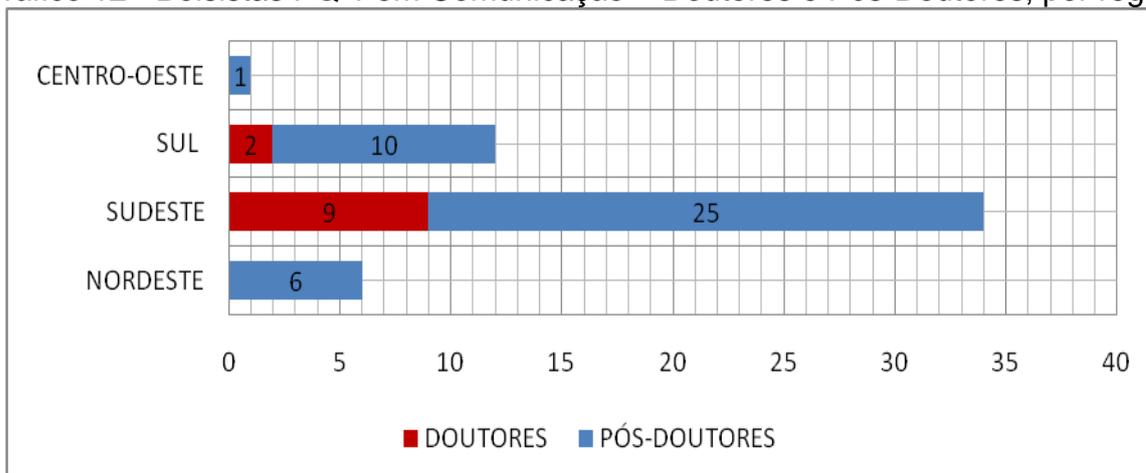
Gráfico 11 - Quantitativo de bolsas PQ 1 em Comunicação, distribuídos por categoria: Regiões



Fonte: Elaborado pelo autor.

Um dos fatores que contribuem para os resultados apontados pelo gráfico 11 são a formação acadêmica e estágios pós-doutorais dos bolsistas. A comprovada formação destes pesquisadores, como já apontado, é um capital simbólico/científico reconhecido e serve como trunfo para obtenção de recompensas (MOREL, 1979). Quando foi analisada a formação acadêmica destes pesquisadores (GRÁFICO 12), o Sudeste, coincidentemente é a região que mais concentra bolsistas PQ 1, obteve maior número de pesquisadores com estágio pós-doutoral. Um fator pode não determinar o outro, mas seria um erro não considerar essa variável que claramente pode contribuir para tais resultados.

Gráfico 12 - Bolsistas PQ 1 em Comunicação – Doutores e Pós-Doutores, por região



Fonte: Elaborado pelo autor.

Além de uma formação de alto nível, o desempenho positivo na produção científica de qualidade é um elemento fundamental para o reconhecimento num campo científico. O contexto da luta, como demonstrado, faz-se presente e com isso manter um ritmo de produção é um desafio constante para os bolsistas PQ 1.

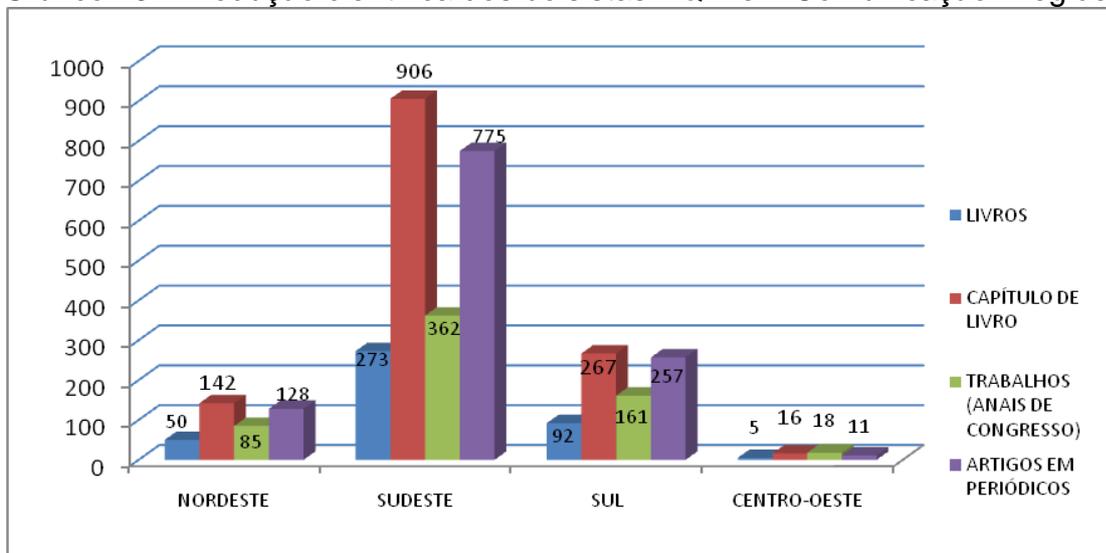
Os diferentes formatos das produções científicas são, enquanto capital simbólico, reconhecidos de maneiras distintas no campo científico (BOURDIEU; 2008). Sob essa ótica, levantou-se quatro diferentes formatos de produção científica (livros; capítulos de livro; artigos em periódicos; registros de trabalhos em anais de congresso) dos atuais bolsistas PQ 1 em Comunicação entre os anos de 2004-2013.

A maior parte da produção científica dos últimos 10 anos foi realizada pelo Sudeste, em especial, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O Sudeste tem um somatório de 273 (65%) livros produzidos em relação aos 147 (35%) produzidos pelas demais regiões. A região ainda é destaque absoluto na produção de capítulos de livro, registrando a marca de 906 (68%) sobre os 425 (32%) das demais regiões analisadas.

Com 775 (66%) artigos produzidos e publicados em periódicos, o Sudeste também consegue desbancar quantitativamente a produção das regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste que juntas somam 396 artigos publicados (34%). A divisão é mais equitativa quando são analisados os registros em anais de congresso, ainda assim, as regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste (264; 42%) não conseguem ultrapassar o produzido pelos pesquisadores PQ 1 do Sudeste (392; 58%).

O gráfico 13 demonstra que os bolsistas PQ 1 do Sudeste foram responsáveis por 65% das produções científicas em comparação com 35% das demais regiões.

Gráfico 13 - Produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Regiões



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pormenorizando o levantamento sobre as produções no formato de artigos em periódicos científicos, foi verificado quais eram os estratos das revistas utilizadas pelos bolsistas PQ 1 para publicar suas pesquisas. Registrando um índice que nenhuma outra região pesquisada conseguiu, o Sudeste se destacou com 221 publicações em 54 revistas científicas de estrato B1; em seguida, alcançou a marca de 153 artigos publicados em 21 periódicos A2; 64 trabalhos em 26 revistas de qualis B2; 57 publicações em 30 revistas B4; 45 produções em 23 periódicos de qualis B5; 45 artigos científicos publicados em 35 revistas de qualis C; 41 produções em 19 periódicos B3; e 14 produções em 10 revistas de conceito máximo – A1. É visto ainda que foram desenvolvidos 135 artigos que foram publicados em revistas que não possuíam estrato no sistema WebQualis (Ciências Sociais Aplicadas I). A tabela 3 demonstra o quantitativo de trabalhos publicados em todas as regiões nos últimos dez anos (2004-2013) e detalha o número de periódicos e suas respectivas porcentagens.

Tabela 3 - Quantitativos de artigos publicados e estrato qualis: Regiões

	SUDESTE		SUL		NORDESTE		CENTRO-OESTE		TOTAL	
	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
A1	14	2	18	7	7	6	-	-	39	4
A2	153	20	58	23	25	20	2	18	238	20
B1	221	29	97	38	51	40	6	51	375	32
B2	64	8	11	4	8	6	-	-	83	7
B3	41	5	16	6	-	-	-	-	57	5
B4	57	7	14	5	7	5	1	9	79	7
B5	45	6	12	5	3	2	-	-	60	5
C	45	6	7	3	9	7	-	-	61	5
SEM ESTRATO	135	17	24	9	18	14	2	18	179	15
TOTAL	775	66%	257	22%	128	11%	11	1%	1.171	100%

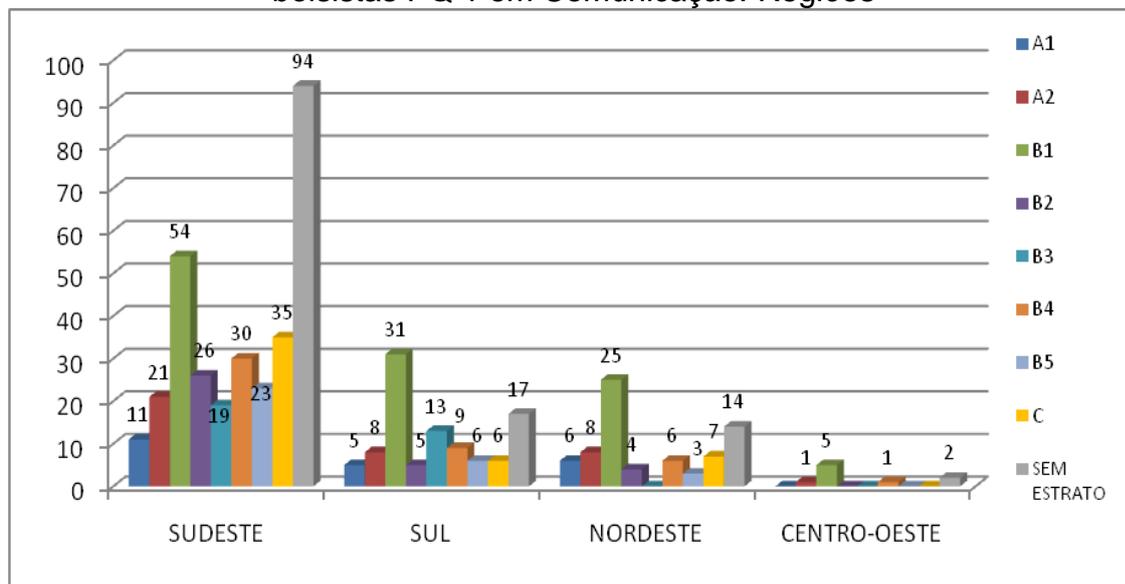
Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela 3 indica que existe preocupação em publicar dos bolsistas em publicar em periódicos bem conceituados, essa afirmação tem fundamento ao verificar que 51% dos artigos publicados pelo Sudeste, 68% da produção do Sul e 66% dos trabalhos do Nordeste foram publicados em periódicos bem conceituados (B1; A2 e A1). A maior parte da divulgação do único pesquisador do Centro-Oeste (55%) foi realizada em revistas científicas de qualis B1.

A tabela 3 exprime, quantitativamente e proporcionalmente, a responsabilidade da região Sudeste na contribuição científica para a área da Comunicação no Brasil. São números expressivos, porém carregados de caráter tendencioso. A Lei de Matheus é recordada na constatação deste fato, registrado na tabela 3, em que os números tendem a acarretar o vício do agraciamento para os pesquisadores detentores de grandes quantias de publicação e a censura para os menos favorecidos. Salienta-se que neste contexto não há como não levar em consideração o fato de que o desenvolvimento da ciência é uma atividade que exige recursos, e estes são limitados pela política científica nacional.

O gráfico 14 demonstra a diversidade de periódicos utilizados. Houve uma predominância em diferentes periódicos de estrato B1. O Nordeste se destaca como a segunda região do país a registrar maior número de publicações em diferentes periódicos de qualis A1 (sete artigos em seis revistas).

Gráfico 14 - Estrato qualis dos diferentes periódicos científicos recorridos pelos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Regiões



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com 135 artigos (17% da produção registrada na região) publicados em 94 revistas sem estrato, o Sudeste demonstra ser a região que menos se preocupa com a classificação das revistas para a publicação dos resultados das pesquisas. Em comparação com as demais regiões que registram considerável volume de publicações, o Sul demonstrou maior seletividade com periódicos para publicação de artigos, das 257 produções desta região, apenas 24 (9% do montante produzido) foram realizadas em revistas sem estrato. O Nordeste também demonstrou seletividade, das 128 produções, apenas 18 artigos (14% da produção registrada na região) foram publicados em 14 revistas sem estrato.

Foram 1.171 artigos publicados em 392 periódicos. A tabela 4 descreve os títulos dos periódicos que foram mais recorridos pelos bolsistas para publicarem suas pesquisas. O índice de recorrência utilizado para demonstração foi maior ou igual a 5. O Centro-Oeste não ultrapassou o índice de duas recorrências de um mesmo periódico.

Tabela 4 - Periódicos mais recorrentes (≥ 5): Regiões

(continua)

PERIÓDICO	ESTRATO QUALIS	RECORRÊNCIA
SUDESTE		
E-COMPÓS	A2	35
REVISTA FAMECOS	A2	31
COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO	B1	23
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO (USP)	B2	23
MATRIZES	A2	21
ALCEU	B1	14
GALÁXIA	A2	13
REVISTA FAMECOS (IMPRESSO)	A2	13
TRAJECTOS	B3	13
REVISTA 2 CULTURAL	B4	12
LOGOS	B1	11
SIGNIFICAÇÃO: REVISTA DE CULTURA AUDIOVISUAL	B1	11
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE	B1	9
CONTEMPORÂNEA	B1	9
CONTRACAMPO	B1	9
REVISTA ECO-PÓS	B1	9
INTERCOM	A2	8
REVISTA FRONTEIRA	B1	8
MSG	B5	8
REVISTA DE LA CIENCIA DE LA COMUNICACIÓN	SEM ESTRATO	8
CALIGRAMA	B1	7
ECO	B1	6
LÍBERO	B1	6
ORGANICOM	B1	6
BAKHTINIANA: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO	A2	5
DESIGNIS	B1	5
EPITC	B1	5
IN TEXTO	B1	5
LUMINA	B1	5
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	B2	5
SIGNO Y PENSAMIENTO	B3	5
IN REVISTA	B5	5
TELOS	B5	5
AMÉRICA LATINA EM MOVIMENTO	SEM ESTRATO	5
OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA	SEM ESTRATO	5
QUESTÕES TRANSVERSAIS: REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO	SEM ESTRATO	5

			(conclusão)
SUL			
REVISTA FAMECOS	A2		15
E-COMPÓS	A2		12
MATRIZES	A2		12
HÉRMES	A1		10
COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO	B1		9
INTERCOM	A2		8
ANIMUS	B1		7
GALÁXIA	A2		6
ESTUDOS EM JORNALISMO E MÍDIA	B1		6
IN TEXTO	B1		6
REVISTA FRONTEIRA	B1		6
SOCIETÉS	A1		5
BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH	B1		5
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE	B1		5
REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN	B1		5
NORDESTE			
EPTIC	B1		8
REVISTA FAMECOS	A2		7
E-COMPÓS	A2		5

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo o que já foi demonstrado, as regiões Sudeste e Sul apresentam um maior índice de publicação e recorrência. O Nordeste figura timidamente nessa tabela. No entanto, sem considerar o índice de recorrência regional estabelecida na pesquisa (≥ 5), o mesmo apresenta uma lista de 73 periódicos que foram utilizados para comunicação formal dos artigos científicos em periódicos. O pesquisador do Centro-Oeste, porém, utilizou-se apenas de nove revistas científicas para publicar seus 11 artigos.

Sobre o apresentado foi visto que a denominação das IES que promovem os bolsistas PQ 1 é reconhecida, em porcentagem, como 74% públicas. Em atenção, verifica-se que 100% dos bolsistas PQ 1 do Nordeste estão na Universidade Federal da Bahia (UFBA); e que apenas o Sul concentra 58% de seus pesquisadores em IES privadas, são elas: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e UNISINOS.

A maior parte do grupo atual de pesquisadores PQ 1 em Comunicação são de doutores com estágio pós-doutoral (79%). Esta característica adicional na formação

demonstra ser um tipo de capital simbólico valorizado entre os agentes constituintes do campo científico da Comunicação.

Sobre os níveis da bolsa PQ 1 desses pesquisadores, verificou-se uma divisão equilibrada, em que dois subgrupos foram notáveis. A divisão maior de pesquisadores está na subcategoria PQ 1D (32%), entretanto, há certa falta de esclarecimento em relação a este subgrupo na Resolução Normativa 016/2006 do CNPq. O documento refere-se aos requisitos para classificar bolsistas como PQ 1A, PQ 1B e PQ 1C, mas não comenta sobre condições que um candidato a bolsa deva ter para ser classificado como um pesquisador PQ 1D. O que fica subentendido é que a movimentação decorrente da progressão, do rebaixamento ou exclusão, possa ser responsável por constituir este grupo.

O perfil visado para o bolsista PQ 1A é o de um pesquisador que seja reconhecido por sua excelência na produção científica, não se limitando à produtividade. Reconhecimento internacional e participação efetiva na melhoria no campo científico-teórico da disciplina, também são características levadas em consideração pelos Comitês de Assessoramento do CNPq. A subcategoria PQ 1A constitui 26% do grupo de bolsistas, representando a segunda maior parcela. Esses números são significativos para a área de Comunicação. Porém, os mesmos demarcam concentração regional. Dentro da análise, a região Sudeste se destaca ao concentrar 57% dos bolsistas PQ 1A e a região Nordeste com 29% de concentração (todos na UFBA).

Das 3.548 produções científicas, 420 são em formato de livro. Representam a menor fatia do conjunto analisado, ou seja, 12%. 626 trabalhos científicos estão presentes em anais de congresso (18%). A maior parcela é percebida na produção de capítulos de livros. Ao todo, foram 1.331, significando 37% da totalidade das produções. 1.171 artigos foram publicados pelos pesquisadores em diferentes periódicos, em porcentagem, 33%.

Existe na região Sudeste, Nordeste e Sul uma preferência dos bolsistas PQ 1 em publicação no formato de capítulo de livro e também em artigos em periódicos, exceto o Centro-Oeste, que demonstrou preferência em registro de trabalhos em anais de congresso – lembrando que na referida região existe apenas um pesquisador PQ 1C. A produção científica (livro; capítulo de livro; artigos em periódicos e trabalhos em anais de congresso) do Sudeste foi de 2.316. Os resultados são alarmantes, afinal, está sendo visto uma concentração de 65% da

produção desses bolsistas em apenas uma região, representada majoritariamente pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e, em menor proporção, Minas Gerais.

Ao conferir, no sistema WebQualis, o estrato dos 392 periódicos recorridos pelos bolsistas PQ 1 para comunicação formal das suas pesquisas, foi verificado que 31% das revistas não possuem avaliação qualis (segundo os critérios utilizados pelo sistema no período de 2010/2012 para área de Ciências Sociais Aplicadas I); 4% são de estrato A1; 6% classificadas como A2; 17% são conferidas como B1; 7% demarcam qualis B2; 8% estão como B3; 9% são de estrato B4; 8% de qualis B5; e 10% estão classificadas como de estrato C.

Entretanto, apesar de se destacarem o número de revistas sem estrato qualis (31%) e de qualis C (10%), 56% das 1.771 publicações estão concentradas em revistas bem conceituadas (A1, A2 e B1), como é possível ver na tabela 5.

Tabela 5 - Quantitativo de artigos em comparação com o quantitativo de periódicos

Estrato Qualis	Artigos		Periódicos	
	Quant	%	Quant	%
A1	39	4%	17	4%
A2	238	20%	25	6%
B1	375	32%	65	17%
B2	83	7%	26	7%
B3	58	5%	30	8%
B4	79	7%	37	9%
B5	60	5%	31	8%
C	60	5%	39	10%
SEM ESTRATO	179	15%	122	31%
TOTAL	1.171	100%	329	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre os anos de 2004 e 2013, os bolsistas PQ 1 em Comunicação tiveram 51% das suas pesquisas publicadas em periódicos bem conceituados (B1; A2 e A1). Ainda assim, foram 179 artigos, 15% de toda produção, publicados em revistas científicas sem estrato. São 122 periódicos que não obedecem, minimamente, aos requisitos de qualidade exigidos pela CAPES por meio do sistema WebQualis. Esse dado chama atenção, pois o mesmo representa a terceira parcela do conjunto de produções científicas neste formato.

Sobre este estudo, foi visto que as regiões Sudeste e Sul recebem maior destaque quando é analisada a produtividade. Foi notada ainda uma distribuição irregular destes bolsistas, estando as regiões Sudeste e Sul com as maiores concentrações. No Nordeste também existe uma distribuição não equitativa de

bolsas PQ 1, afinal é visto uma centralização de um grupo em apenas um único estado (BA) e em uma única instituição (UFBA).

A maioria dos bolsistas pertencem aos níveis 1A (26%), 1B (25%) e 1C (17%) do grupo PQ 1, estágios, assumidamente, valorizados pelo CNPq. E oito em cada 10 pesquisadores são pós-doutores. Assim, é possível apontar alguns capitais simbólicos/científicos que são “exigidos” pelos componentes deste seletivo conjunto de pesquisadores. Ser reconhecido nos subgrupos 1A, 1B e 1C depende de uma dedicada e reconhecida atividade acadêmica tanto de produção quanto de gestão.

Os pesquisadores demonstraram preferência na produção científica no formato de capítulos de livros (37%) e publicação de artigos em periódicos (33%). Esses números apontam um traço cultural presente no campo científico da Comunicação. Não que isso signifique que sempre houve tal predileção, muito menos assegura quanto tempo este comportamento ainda poderá ser verificado, contudo, são dados baseados nas produções realizadas num espaço de tempo considerável (10 anos).

Sobre a produção científica no formato de artigo, segundo o levantamento, indica-se uma diversidade de 392 periódicos que deram vazão a 1.171 trabalhos científicos. Duas marcas são consideráveis: i) 51% dos artigos foram aceitos e publicados por revistas de excelente conceituação (B1; A2 e A1); ii) 15% dos trabalhos científicos foram aceitos e publicados por periódicos não reconhecidos pelo sistema WebQualis, um indicador de qualidade dos meios responsáveis pela comunicação científica formal em periódicos.

4.3 RESULTADOS EMPARELHADOS

O modelo apresentado na seção 2.4 deste estudo definiu como aportes teóricos: o campo científico, o capital simbólico (ganho, acúmulo e perda), e o contexto da luta sugerido pela política científica nacional que tem no mérito uma forma de julgamento. É recomendado que os resultados empíricos sejam emparelhados à teoria no intuito de reforçar tanto a escolha do referencial teórico quanto a afirmação da existência entre a realidade empírica e a teoria.

Por meio do CNPq, é instituído no conjunto de bolsistas PQ 1 a ideia de progressão, rebaixamento ou exclusão, essa ação provoca uma reação: os pesquisadores são pressionados a manterem uma contínua produção científica de

destaque (de alcance nacional e internacional), em que haja o reconhecimento no campo científico e, quando possível, em outros campos (político ou econômico, por exemplo). Os Comitês de Assessoramento do CNPq também conferem a inserção do pesquisador proponente à bolsa em atividades relacionadas à criação ou aprimoramento de cursos de graduação e pós-graduação.

Contudo, é observado que existem lógicas próprias de reconhecimento no meio científico. Observando os resultados obtidos no desenvolvimento desta pesquisa e emparelhando com a teoria, definiu-se quais são as formas de capital simbólico/científico mais reconhecidas na área da Comunicação. O quadro 1 listou características presentes no grupo PQ 1 em Comunicação:

Quadro 1 - Características apreendidas: resultados emparelhados

CAMPO CIENTÍFICO E A POLÍTICA CIENTÍFICA NACIONAL (CNPq)		
PROGRESSÃO (ganha de capital científico)		
ESTÁGIO PÓS-DOUTORAL: 79% PÓS-DOUTORES	CAPITAL SIMBÓLICO/CIENTÍFICO E O CONTEXTO DA LUTA	MÉRITO RECONHECIDO
IES PÚBLICA: 74%		
PQ 1A, 1B E 1C: 68%		
CAPÍTULOS DE LIVROS E ARTIGOS EM PERIÓDICOS: 70%		
ARTIGOS EM REVISTAS B1, A2 E A1: 56%		
REBAIXAMENTO OU EXCLUSÃO (perda ou estagnação de capital científico)		
FORMAÇÃO ACADÊMICA: 21% DOUTORES	CAPITAL SIMBÓLICO/CIENTÍFICO E O CONTEXTO DA LUTA	MENOR RECONHECIMENTO
PQ 1D: 32%		
PUBLICAÇÕES EM REVISTAS SEM QUALIS: 15%		
PUBLICAÇÕES EM REVISTAS COM QUALIS B2 - C: 29%		
TRABALHOS EM ANAIS DE CONGRESSO: 18%		

Fonte: Elaborado pelo autor

Sendo indícios valorizados pelo CNPq para indicar progressão de bolsa PQ aos pesquisadores, a parte superior esquerda da primeira coluna do Quadro 1 indica a porcentagem demarcada pelo grupo de 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação. A

parte inferior esquerda da primeira coluna também indica características presentes, porém que recebem menor valor de reconhecimento de capital simbólico/científico, tanto para o CNPq, quanto para os próprios pares envolvidos neste conjunto de relações.

A afirmação realizada acima tem fundamento no fato de que todas as características que atribuem um mérito maior, que geram progressões, tiveram um índice superior a 50%. Ou seja, existe uma maior procura pela adequação do perfil às características ali percebidas (pós-doutores; vinculação à IES públicas, PQ 1A, 1B e 1C), bem como aos tipos de produções científicas ali descritas (capítulos de livro; artigos em periódicos bem conceituados).

As características localizadas na parte inferior do quadro representam risco de rebaixamento ou exclusão para os pesquisadores que optam por este tipo de produção (publicações em revistas de qualis com pouca evidência ou até mesmo sem estrato). O próprio reconhecimento do pesquisador PQ 1D não é bem definida pelo CNPq, no entanto, é possível assinalar que os mesmos podem ser apontados como uma espécie de “periferia”: circulando o grupo dos mais conceituados de pesquisadores (1A, 1B e 1C), bem como o grupo de menor reconhecimento (PQ 2).

É reafirmado que existe um limite de bolsas a serem concedidas, ou seja, a conquista de capital científico é realizada na busca do reconhecimento, na conquista de espaço dentro do campo. Com isso, se este pensamento é fixado nos demais agentes que compõe o grupo, estará definido um contexto de luta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Informação e conhecimento caminham juntos em um espaço reconhecidamente voltado a relações entre sujeitos, a conflitos. A promoção das ideias é renovada por um espírito de competição, de busca de reconhecimento e de acúmulo de capital. A lógica de um campo científico pode parecer imperceptível para aqueles que dele não fazem parte, mas, mostra-se concreta para seus participantes.

Não coube a este trabalho especificar em minúcias as conexões lógicas do campo científico, em especial o da Comunicação. A tentativa foi de entender, com base em análises das produções científicas dos 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação, como este grupo vem contribuindo na caracterização do campo da Comunicação nos últimos 10 anos. Dissertar sobre os fenômenos interligados que dão sentido ao campo científico, na sua completude, seria demasiadamente complexo, quiçá impossível.

Porém, o que aqui foi relatado revela bons apontamentos sobre as contribuições das 53 personalidades melhor reconhecidas na área da Comunicação, seja pelo CNPq – por meio de seus Comitês de Assessoramento, constituídos por pesquisadores da própria área de Ciências Humanas e Sociais (CHS)³³ – seja pelos pares presentes no meio acadêmico.

Assinala-se também que as contribuições científicas deste grupo estudado partem de um prisma transversal, em que não existe o puro interesse científico. A ciência atende agora a um misto de interesses e o resultado disso é uma ciência que além de atender ao seu próprio desenvolvimento, também conversa cada vez mais com a sociedade. Como bem frisado é perceptível uma relação mútua, favorável entre as duas partes, entre a ciência e seu financiador.

A dimensão documental das produções científicas desses bolsistas foi explorada a fim de detectar informações sobre: formação acadêmica dos pesquisadores e realização de estágio pós-doutoral; denominação das IES que eles estão vinculados; quantitativo de bolsas de produtividade (incluindo sua distribuição por região específica); produção científica e formato e meio transmissor utilizado (artigos em periódicos, trabalhos em anais de congresso, livros e capítulos de livro); e estrato qualis das revistas científicas utilizadas por esses pesquisadores. O

³³ Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/membros-dos-comites#>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

levantamento foi feito através de 3.548 produções científicas, realizadas entre os anos de 2004-2013.

São informações como as apresentadas que ajudam a entender melhor o funcionamento do campo científico da Comunicação. Foi considerado que as ações de conhecimento e reconhecimento dos agentes presentes não são fortuitas, manter-se em uma posição favorável na estrutura do campo científico exige, portanto, uma atenção às características presentes. Isso recai automaticamente na possibilidade que um agente/pesquisador tem de demonstrar seu conhecimento, por meio da informação científica, afinal, manter-se atuante é também uma questão de estratégia e sensibilidade. A tentativa de definição do *éthos* científico atual tornou-se uma atividade que sempre parecerá incompleta, afinal as regências da ciência parecem estar cada vez mais transversais.

Precedendo as considerações aqui afirmadas, assinala-se que as maiores dificuldades encontradas neste trabalho ocorreram no estágio de levantamento dos dados. A omissão ou informações preenchidas pelos pesquisadores de maneira incorreta geravam conflitos para o desenvolvimento do estudo, estes problemas exigiram estratégias precisas para assegurar confiabilidade nos resultados finais.

Sobre o problema da pesquisa, ao questionar sobre a possibilidade de obter indícios sobre o campo científico da Comunicação, por meio da análise da produção científica dos bolsistas PQ 1, foi levado em consideração a relevância e complexidade do dispositivo da comunicação científica e também fatores contextuais necessários para que esta específica forma de comunicação se legitime.

Neste estudo, a comunicação da ciência foi um fenômeno encarado basicamente por duas perspectivas complementares. Uma delas estava diretamente voltada ao universo da informação, afinal, aquilo que fora comunicado por aqueles pesquisadores era resultado de conhecimento anteriormente organizado e que tinha no dispositivo comunicacional da ciência sua possibilidade de representação.

A outra estava inserida diretamente nas relações sociais e de poder presentes no grupo de pesquisadores estudado. Considerou-se então que o capital científico, os sistemas de troca, a meritocracia, e os auxílios financeiros limitados estão determinando uma cultura de produção específica para os bolsistas PQ 1.

É difícil propagar afirmações sobre benefícios e malefícios sobre o funcionamento de um campo científico para a Ciência. Contudo, reflexões pairam sobre os resultados desta pesquisa. São percepções relativas ao comportamento

dos agentes presentes no campo científico que ora podem ser encarados como vítimas de um sistema político científico muito bem estruturado de inclusão e exclusão, ora como co-responsáveis do funcionamento desse próprio sistema; ou até mesmo a questões referentes à quantidade *versus* qualidade.

O alcance do objetivo geral exigia a inter-relação das perspectivas de caráter informacional e da sociologia do conhecimento. As produções científicas, quando sensivelmente analisadas, por meio da metodologia empregada, ajudaram na obtenção dos resultados e das análises e conseguiram exprimir dimensões capazes de delinear indicativos sobre seu campo científico de origem. Foi necessário problematizar números para revelar uma sistemática invisível para aqueles que não fazem parte do campo da Comunicação.

Pode-se dizer que o problema da pesquisa foi solucionado visto que foi possível encontrar indícios referentes à caracterização do campo científico da área de Comunicação nas produções científicas dos bolsistas PQ 1 do Brasil, confirmando automaticamente a hipótese levantada.

São considerações parciais de um estudo que merece aprofundamento, no intuito de reconhecer com mais proximidade as relações presentes no campo científico, em específico na área da Comunicação. Verifica-se que o grupo de bolsistas PQ do CNPq não é limitado ao grupo PQ 1, existe ainda o grupo PQ 2 de pesquisadores de produtividade. Este grupo é mais amplo e também estabelece relações diretas com o referencial teórico apresentado, sugerindo, com isso, novas proposições de pesquisa sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- BARBATHO, Renata Regina Gouvêa. Características e tendências na produtividade científica: a publicação de artigos científicos na área de história (1985-2009). In: ENANCIB, 12., Brasília, 2011. **Anais...** Brasília: ANCIB, 2011. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/2090/Caracter%C3%AADsticas%20-%20Barbatho.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 set. 2014.
- BARITE, Mario. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología e Documentación. In: CARRARA, Kester. **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. cap.2, p.35-60.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os agregados da informação – memórias, esquecimento e estoques de informação. **Datagramazero**, v.1, n.3, jun., 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun00/Art_01.htm> Acesso em: 14 ago. 2014.
- _____. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.2, p. 122-127, maio/ago., 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/barreto.pdf> > Acesso em: 06 ago. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução: Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. cap.4, p.122-155.
- _____. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: _____. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012a. cap.3, p.59-74.
- _____. Um mundo à parte. In: _____. **Para uma sociologia da ciência**. Tradução: Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2008. cap. 2, p.51-118.
- _____. **Pierre Bourdieu** entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012b. cap.1, p.-7-16.
- _____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRAGA, José Luiz. Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos em comunicação. In: FERREIRA, Jairo; PIMENTA, Francisco José Paoliello; SIGNATES, Luiz (Orgs.). **Estudos de comunicação**: transversalidades epistemológicas. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010. cap.1, p. 19-38.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andrea; REIS, José Claudio. **Breve história da ciência moderna, volume 1: convergência de saberes**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. **Breve história da ciência moderna, volume 2: das máquinas do mundo ao universo-máquina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Breve história da ciência moderna, volume 4: a belle-époque da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BUFREM, Leilah Santiago. Questões de metodologia - parte 1 (Entrevista). **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 1, p. 4-10, 2011. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Ri7pLf03-7wJ:www.atoz.ufpr.br/index.php/atoz/article/view/10/49+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. Questões de Metodologia - parte 2 (Entrevista). **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 1, p. 4-9, 2012. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:E3VufVs0vPMJ:www.atoz.ufpr.br/index.php/atoz/article/download/24/75+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BURKE, Peter. Sociologias e histórias do conhecimento: introdução. In: _____. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Cláudio de Moura. A questão da qualidade. In: SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Cláudio de Moura (Orgs.). **Pesquisa universitária em questão**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Ícone Editora; São Paulo: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1986. cap.3, p.151-172.

CASTRO, Cláudio de Moura; SCHWARTZMAN, Simon. Da arte de financiar e ser financiado. In: SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Cláudio de Moura (Orgs.). **Pesquisa universitária em questão**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Ícone Editora; São Paulo: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1986. cap.3, p.131-150.

CASTRO, Cláudio de Moura; SOARES, Gláucio Ary Dillon. As avaliações da CAPES. In: SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Cláudio de Moura (Orgs.). **Pesquisa universitária em questão**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Ícone Editora; São Paulo: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1986. cap.3, p.173-189.

CAVALCANTI, Alessandro Leite; PEREIRA, Déborahyara Sarmiento de Abrantes. Perfil do bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na área de Odontologia. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.5, n.9, p.67-88, dez., 2008. Disponível em: <<http://ojs.rbpq.capes.gov.br/index.php/rbpq/article/view/142>>. Acesso em: 14 set. 2014.

CHALHUB, Tânia; OLIVEIRA, Eloísa Príncipe. O panorama da produção científica de pesquisadores bolsistas do CNPq em Serviço Social. In: ENANCIB, 11., Rio de Janeiro, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/292/1/PRINCIPEEnancib2010.pdf>>. Acesso em:

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq. Resolução **RN nº 016/2006, de 06 de julho de 2006**. Bolsas individuais no país. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100343#16061>. Acesso em: 7 ago. 2014.

_____. Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ, Bolsas em curso - Comunicação. Disponível em: <http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.prc_comp_cmt_links?V_COD_DEMANDA=200310&V_TPO_RESULT=CURSO&V_COD_AREA_CONHEC=60900008&V_COD_CMT_ASSESSOR=AC>. Acesso em: 28 ago. 2014.

CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho. **O fluxo da informação no processo de pesquisa da UFPE**: as influências das tecnologias e comunicação. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -- Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

_____. **A influência exercida pelo sistema de avaliação da CAPES na produção científica dos programas de pós-graduação em Física**. 2012. 214f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) -- Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. Tradução: João Gama. 6.ed. Lisboa: Edições 70, 1997.

FAUSTO NETO, Antonio. Epistemologia do zigue-zague. In: FERREIRA, Jairo; PIMENTA, Francisco José Paoliello; SIGNATES, Luiz (Orgs.). **Estudos de comunicação**: transversalidades epistemológicas. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010. cap.2, p.79-100.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? In: _____. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. cap.3, p.65-93

GARCIA, José Luís; MARTINS, Hermínio. O ethos da ciência e suas transformações contemporâneas, com especial atenção à biotecnologia. **Scientiae studia**, São Paulo, v.7, n.1, p.83-104, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11167/12935> >. Acesso em: 17 ago. 2014.

GNOLI, Claudio. Metadata about what? Distinguishing between ontic, epistemic and documental dimensions in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 39, n. 4, p.268-275, 2012. Disponível em: <<http://www-dimat.unipv.it/gnoli/gnoli2012.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

GOBBI, Maria Cristina. Panorama da produção de conhecimento em comunicação no Brasil. In: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José; CASTRO, Cosette (Orgs.). **Panorama da comunicação e telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2003.

GOSS, Karine Pereira. As correntes interacionais e a sua repercussão nas teorias de Anthony Giddens e Bruno Latour. **Ciências sociais Unisinos**. v.42, n.3, p.153-162, set/dez, 2006. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HH9gcAkuXfkJ:revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6029/3203+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 06 ago. 2014.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; GRACIO, Maria Cláudia Cabrini; MATOS, Daniela Fernanda de Oliveira. Produção científica de bolsistas pesquisa em Ciência da Informação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – um estudo com artigos de periódicos. **Datagramazero**, v.15, n.2, abr., 2014. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr14/Art_05.htm>. Acesso em: 02 ago 2014.

INSTITUCIONAL do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/o-cnpq>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

KUHN, Thomas Samuel. A anomalia e a emergência das descobertas científicas. In: _____. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira; Nelson Boeira. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. cap.5, p.77-92

LATOUR, Bruno. O fluxo sanguíneo da ciência. Um exemplo da inteligência científica de Joliot. In: _____. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001. cap.3, p.97-132.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE COADOIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução: Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras Gomes. 2 ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004.

LEITE, Sandra Nunes. **A lógica midiática na ação comunicacional da inovação**. Maceió: EDUFAL, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 10.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; ROMANCINI, Richard. Teses e dissertações: estudo bibliométrico na área de Comunicação. In: POBLACION, Dinah A.; WITTER, Geraldina P.; SILVA, José F. M. da (Orgs.). **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. cap.5, p.138-161.

MEADOWS, Arthur Jack. Mudança e crescimento. In: _____. **A comunicação científica**. Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. cap.1, p.1-38.

MENDES, Patrícia Helena Costa et al. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em Medicina no CNPq, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.34, n.4, p.535-541, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v34n4/v34n4a08.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

MERTON, Robert King. La preterición de la sociologia de la ciencia. In: _____. **La sociologia de la ciencia**, 1. Madrid: Alianza Editora, 1977. cap.2, p.288-300.

_____. A ciência e a estrutura social democrática. In: MERTON, Robert King; MARCOVICH, Anne (Org.); SHINN, Terry (Org.). **Ensaio de sociologia da ciência**. Tradução Sylvia Gemignani Garcia e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Assosiação Filosófica Scientiae Studia; Editora 34, 2013. cap.7, p.181-198.

MOMM, Christiane Fabíola. **O conhecimento científico em turismo no Brasil: cursos de pós-graduação (*stritu sensu*) - período de 2000 a 2006**. 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -- Programa em Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

MOREL, Regina L. de Moraes. **A pesquisa científica e seus condicionamentos sociais**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A seleção de artigos científicos para publicação em revistas brasileiras: um levantamento de práticas e procedimentos adotados pelas revistas científicas brasileiras financiadas pelo CNPq e FINEP 1996-1996. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.21, n.2, p.229-250, jul./dez, 1997. Disponível em: <<http://www.brappci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002520&dd1=69789>>. Acesso em: 13 set. 2014.

_____. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeanette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000a. cap.1, p.21-34.

_____. O periódico científico. In: CAMPELO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeanette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000b. cap.5, p.73-96.

ROMANCINE, Richard. **O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico**, volume 1. 2006. 293f. Tese (Doutorado em

Ciências da Comunicação) -- Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. Da sociologia da ciência à política científica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.1, jun., 1978. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Da_sociologia_da_ciencia_a_politica_cientifica_RCCS1.PDF>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 627-641, agosto, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a16v2483.pdf> >. Acesso em: 06 ago. 2014.

SANTOS, Natacha Carvalho Ferreira; CÂNDIDO, Lucilene Faustina de Oliveira; KUPPENS, Cristiano Lima. Produtividade em pesquisa do CNPq: Análise do perfil dos pesquisadores da Química. **Química Nova**, São Paulo, v.33, n.2, p.489-495, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422010000200044&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 set. 2014.

SANTOS, Suelleng Maria Cunha et al. Perfil dos pesquisadores da Saúde Coletiva no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, n.3, p.761-775, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000300012&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 set. 2014.

SCARPELLI, Ana Carolina et al. Academic trajectories of dental researches receiving CNPq's productivity grants. **Brazilian Dental Journal**, Riberão Preto, vol.19, n.3, p.252-256, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-64402008000300014&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. **Ciência e tecnologia no Brasil: uma nova política para um mundo global**. [online] São Paulo, 1993. 59p. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:J3Q_BVAEiwkJ:livroaberto.ibict.br/bitstream/1/743/2/Ciencia%2520e%2520tecnologia%2520no%2520Brasil.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 jul. 2014.

_____. O espaço acadêmico. In: _____. **Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento**. [online] Rio de Janeiro: Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <https://ia600804.us.archive.org/18/items/CienciaUniversidadeIdeologia-APoliticaDoConhecimento/SCHWARTZMAN_Ciencia_universidade_e_ideologia.pdf_10_04_2008_16_05_04.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2013. cap.6,p.105-119.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHINN, Terry; RAGOUET, Pascal. Por uma sociologia transversalista da ciência e da inovação técnica. In: _____. **Controvérsias sobre a ciência: por uma sociologia trasversalista da atividade científica**. Tradução: Pablo Rubén Mariconda e

Sylvia Gemignani Garcia. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia; São Paulo: Editora 34, 2008. cap.3, p123-160.

SILVEIRA, Murilo Arthur Araújo da. **Rede de textos científicos**: um estudo sob à ótica da institucionalização da Ciência da Informação no Brasil. 2008. 245f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -- Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2008.

SILVA, Edna Lúciada; MENEZES, Estera Muszkat; PINHEIRO, Liliâne Vieira. Avaliação da produtividade científica dos pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.13, n.2, p.193-222, jul./dez., 2003. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/97>>. Acesso em: 14 set. 2014.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A gênese da sociologia crítica de Pierre Bourdieu. **Revista Espaço Acadêmico**. v.10, n.112, p.114-120, set., 2010. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:x0Nx8z7kntQJ:periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/10659/5976+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). **Ciência, tecnologia e inovação para um Brasil competitivo**. São Paulo: SBPC, 2011.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.10, n.2, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>>. Acesso em: 13 jul. 2014

TRINDADE, Hélió. Universidade, ciência e Estado. In: _____ (Org.). **Universidade em ruínas**: na república dos professores. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio Grande do Sul: CIPEDES, 1999. p.9-23.

VICENTE, Maximiliano Martin. História da comunicação social: um campo em construção. In: VICENTE, Maximiliano Martin. **História e comunicação na ordem internacional**. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. cap.1, p.19-41. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dbzvU62171kJ:livros.universia.com.br/%3Fdl_name%3DLivros_Academicos/Historia-e-Comunicacao-na-Nova-Ordem-Internacional.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 25 ago. 2014.

VICENZI, Leticia Josephina de. A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil. **Forum educacional**, Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set., 1986. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/federal.html>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

VICKERY, Brian Campbell. **The structure of subject classifications for document retrieval**. Itália, 1999. Disponível em: <<http://www.iskoi.org/ilc/vickery.php>>. Acesso em: 15 out. 2013.

VIOTTI, Eduardo Baumgratz. Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. In: CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Doutores 2010**: estudos da demografia da base técnico científica brasileira. Brasília: Centro de Gestão de Estudos Estratégicos, 2010. cap.1, p.10-50.

WAINER, Jacques; VIEIRA, Paula. Avaliação de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq e medidas bibliométricas: correlações para todas as grandes áreas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.18, n.2, p.60-78, abr./jun., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362013000200005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 14 set. 2014.

WANDERLEY, Luiz Eduardo Waldemarin. **O que é universidade**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

APÊNDICE A – Lista dos periódicos científicos (recorrência e estrato qualis)

(continua)

	PERIÓDICO	RECORRÊNCIA	ESTRATO QUALIS
1	E-COMPÓS	54	A2
2	REVISTA FAMECOS	53	A2
3	MATRIZES	37	A2
4	COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO	37	B1
5	COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO (USP)	27	B2
6	GALÁXIA	23	A2
7	INTERCOM	18	A2
8	ALCEU	18	B1
9	CONTEMPORÂNEA	18	B1
10	COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE	16	B1
11	REVISTA FRONTEIRA	16	B1
12	CONTRACAMPO	14	B1
13	EPITC	14	B1
14	LOGOS	14	B1
15	REVISTA FAMECOS (IMPRESSO)	13	A2
16	TRAJECTOS	13	B3
17	REVISTA 2 CULTURAL	13	B4
18	IN TEXTO	12	B1
19	REVISTA ECO-PÓS	12	B1
20	SIGNIFICAÇÃO: REVISTA DE CULTURA AUDIO VISUAL	12	B1
21	HERMÉS	11	A1
22	BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH	11	B1
23	ECO	11	B1
24	RAZÓN Y PALABRA	11	B1
25	DIALOGOS DE LA COMUNICACIÓN	10	B1
26	REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN	10	B1
27	ANIMUS	9	B1
28	CONTEMPORÂNEA (IMPRESSO)	9	B1
29	LÍBERO	9	B1
30	ORGANICOM	9	B1
31	VERSO E REVERSO	9	B2
32	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (UFG)	8	B2
33	MSG	8	B5
34	REVISTA DE LA CIENCIA DE LA COMUNICACIÓN	8	--
35	SOCIETÉS	7	A1
36	CALIGRAMA	7	B1
37	ESTUDOS EM JORNALISMO E MÍDIA	7	B1
38	LUMINA	7	B1
39	DIÁLOGOS POSSÍVEIS	7	B4
40	UNIREVISTA	7	--
41	DESIGNIS	6	B1
42	EM QUESTÃO (IMPRESSO)	6	B1
43	SIGNO Y PIENSAMIENTO	6	B3

(continua)

44	ÍCONE	6	B4
45	BAKHTINIANA: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO	5	A2
46	COMUNICACIÓN Y SOCIEDAD	5	A2
47	INTERIN	5	B1
48	REVISTA COMPOLÍTICA	5	B1
49	IN REVISTA	5	B5
50	TELOS	5	B5
51	AMÉRICA LATINA EM MOVIMENTO	5	--
52	OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA	5	--
53	QUESTÕES TRANSVERSAIS: REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO	5	--
54	GLOBAL MEDIA JOURNAL	4	A2
55	SEMIÓTICA	4	A2
56	I/C (SEVILLA)	4	B1
57	REVISTA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA	4	B1
58	TEMPO BRASILEIRO	4	B1
59	COGNITIO (PUC-SP)	4	B2
60	COMUNICAÇÃO E POLÍTICA	4	B2
61	ANUÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO LUSÓFONA	4	B3
62	VISUALIDADES	4	B4
63	CADERNOS IHU	4	B5
64	DOBRAS	4	B5
65	POLÊMICA	4	C
66	REVISTA ESPIRAL	4	C
67	REVISTA CIENTÍFICA DE INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN	4	--
68	INFORMAÇÃO E SOCIEDADE	3	A1
69	JOURNAL OF LATIN AMERICAN CULTURAL STUDIES	3	A2
70	RAE (IMPRESSO)	3	A2
71	COMUNICAÇÃO E INOVAÇÃO	3	B1
72	CONEXÃO	3	B1
73	MEDIA E JORNALISMO	3	B1
74	ESPÉCULO	3	B2
75	FLUSSER STUDIES	3	B2
76	REDES.COM (SEVILLA)	3	B2
77	CALEIDOSCÓPIO	3	B3
78	ECOS REVISTA	3	B3
79	RUA: REVISTA UNIVERSITÁRIA DO AUDIOVISUAL	3	B3
80	ESTUDOS DE SOCIOLOGIA	3	B4
81	LECTURAS DE EDUCACIÓN FISICA Y DEPORTES	3	B4
82	LUGAR COMUM	3	B4
83	OFÍCIOS TERRESTRES	3	B4
84	IHU (ONLINE)	3	B5
85	IHU ONLINE (IMPRESSO)	3	B5
86	REVISTA DE ESTUDIOS DE COMUNICACIÓN	3	B5
87	COMCIÊNCIA	3	C

(continua)

88	REVISTA USP	3	C
89	YEAR BOOK – THE UNESCO INTERNATIONAL CLEARING HOUSE ON CHILDREN, YOUTH AND MEDIA	3	C
90	CADERNOS VÍDEO BRASIL	3	--
91	REBELIÓN	3	--
92	REVISTA DO TRIBUNAL DE CONTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	3	--
93	TEORIA E DEBATE	3	--
94	COMUNICAR	2	A1
95	MANAGEMENT COMMUNICATION QUARTERLY (ONLINE)	2	A1
96	MEDIA, CULTURE AND SOCIETY	2	A1
97	TRANSACTIONS OF THE CHARLES S. PIERCE SOCIETY	2	A1
98	CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA	2	A2
99	JOURNALISM	2	A2
100	LUA NOVA (IMPRESSO)	2	A2
101	ANÁLISIS	2	B1
102	CIBERLEGENDA	2	B1
103	DEVIRES	2	B1
104	FARO	2	B1
105	GHREBH	2	B1
106	LA TRAMA DE LA COMUNICACIÓN	2	B1
107	PERSPECTIVAS EM GESTÃO E CONHECIMENTO	2	B1
108	CINÉMAS (MONTRÉAL)	2	B2
109	ESTUDIOS: REVISTA INVESTIGACIONES LITERARIAS Y CULTURALES	2	B2
110	ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO	2	B2
111	OBSERVATÓRIO	2	B2
112	CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM	2	B3
113	REVISTA DEBATES	2	B3
114	CONTEXTO	2	B4
115	HERMÉNEUTIQUES SOCIALES	2	B4
116	INCLUSÃO SOCIAL (ONLINE)	2	B4
117	LES CAHIERS EUROPÉENS DE L'IMAGINAIRE	2	B4
118	REVISTA COMUNICAÇÃO E CULTURA	2	B4
119	REVISTA INTERFACES	2	B4
120	REVISTA DE ANTROPOLOGIA	2	B4
121	SIGNO	2	B4
122	BIOSEMIOTICS	2	B5
123	CENÁRIOS DA COMUNICAÇÃO	2	B5
124	COMUNICAÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO	2	C
125	INICIACOM	2	C
126	JOURNAL OF COMMUNITY INFORMATICS	2	C
127	NEW LEFT REVIEW	2	C
128	O PÚBLICO E O PRIVADO	2	C
129	PAUTA GERAL	2	C
130	POIÉSIS	2	C

(continua)

131	REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL	2	C
132	TÉLÉVISION	2	C
133	404 NOT FOUND	2	--
134	BOLETÍN DE COMUNICACIÓN ALAIC	2	--
135	CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNICAMP	2	--
136	COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO	2	--
136	CONTRATIEMPOS	2	--
138	CULTURES AND CONFLICTS	2	--
139	DISCIPLINARIUM SCIENTIA	2	--
140	ESPIRIT CRITIQUE	2	--
141	JOURNAL OF MOBILE MEDIA	2	--
142	LES CAHIERS DU CREPAL	2	--
143	MÍDIA COM DEMOCRACIA	2	--
144	OPUSCORPUS INCUBADORA FAPESP	2	--
145	POLÍTICA E SOCIEDADE	2	--
146	PUERTA: PUBLICACIÓN DE ARTE Y DUSEÑO	2	--
147	REVISTA ARGENTINA DE COMUNICACIÓN	2	--
148	REVISTA LATINOAMERICANA DE COMUNICAÇÃO	2	--
149	RIZOMA	2	--
150	SOFIA	2	--
151	SURVEILANCE AND SOCIETY	2	--
152	VÍRUS PLANETÁRIO	2	--
153	WI JOURNAL DO MOBILE MEDIA	2	--
154	CHASQUI	1	A1
155	CRITICAL STUDIES IN MEDIA COMMUNICATION	1	A1
156	DADOS	1	A1
157	EL PROFESIONAL DE LA INFORMACIÓN	1	A1
158	INFORMATION RESEARCH	1	A1
159	JOURNAL OF COMMUNICATION	1	A1
160	JOURNALISM STUDIES	1	A1
161	NEW REVIEW OF HYPERMEDIA AND MULTIMEDIA	1	A1
162	PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	1	A1
163	THE INTERNATIONAL JOURNAL OF PRESS/POLITICS (ONLINE)	1	A1
164	CEBRAP	1	A2
165	COMMUNICATIO: SOUTH AFRICA JOURNAL FOR COMMUNICATION THEORY AND RESEARCH	1	A2
166	DIOGENES	1	A2
167	HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – MANGUINHOS	1	A2
168	LE TEMPS DES MÉDIAS	1	A2
169	LUA NOVA	1	A2
170	OPINIÃO PÚBLICA	1	A2
171	REVISTA LATINOAMERICANA DE COMUNICACIÓN CHASQUI	1	A2
172	TEMPO	1	A2
173	SPACE AND CULTURE	1	A2
174	ARS	1	B1

(continua)

175	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ONLINE)	1	B1
176	CINE DOCUMENTAL	1	B1
177	DATAGRAMAZERO	1	B1
178	DERECHO A COMUNICAR	1	B1
179	DISCURSOS FOTOGRÁFICOS	1	B1
180	DOC-ONLINE: REVISTA DIGITAL DE CINEMA DOCUMENTÁRIO	1	B1
181	EM QUESTÃO	1	B1
182	ESTUDIOS SOBRE LAS CULTURAS CONTEMPORANEAS	1	B1
183	ESTUDOS SEMIÓTICOS	1	B1
184	FEMINIST MEDIA STUDIES	1	B1
185	LIINC EM REVISTA	1	B1
186	MEDIACIONES SOCIALES	1	B1
187	REVISTA DE COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS	1	B1
188	REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS	1	B1
189	REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA	1	B1
190	REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA (IMPRESSO)	1	B1
191	REVISTA ELETRÔNICA DE COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE	1	B1
192	REVISTA INTERNACIONAL DE RELACIONES PÚBLICAS	1	B1
193	REVISTA PORTUGUESA DE HISTÓRIA DO LIVRO	1	B1
194	RUMORES USP	1	B1
195	TRANS	1	B1
196	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA	1	B1
197	REVISTA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	1	B1
198	SESSÕES DO IMAGINÁRIO	1	B1
199	ARTCULTURA	1	B2
200	CADERNO DO CEDES	1	B2
201	COMMUNICARE	1	B2
202	HUMANIDADES	1	B2
203	ILHA DO DESTERRO	1	B2
204	NÓMADAS	1	B2
205	NOVOS OLHARES	1	B2
206	NUEVO MUNDO-MUNDOS NUEVOS	1	B2
207	REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS	1	B2
208	REVISTA DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	1	B2
209	REVISTA GEMINIS	1	B2
210	SEMEIOSIS: SEMIÓTICA E TRANSDICIPLINARIDADE EM REVISTA	1	B2
211	SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE	1	B2
212	SIGNOS DO CONSUMO	1	B2
213	AUGEN-BLICK	1	B3
214	CIVITAS	1	B3
215	CRITICAL STUDIES IN IMPROVISATION	1	B3
216	EDUCAÇÃO EM QUESTÃO	1	B3
217	INTERNATIONAL JOURNAL OF EDUCATION AND DEVELOPMENT USING INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGY	1	B3

(continua)

218	ITINERÁRIOS	1	B3
219	JOURNAL OF LATIN AMERICAN COMMUNICATION RESEARCH	1	B3
220	LITERATURA E SOCIEDADE	1	B3
221	PERSPECTIVA LATINOAMERICANA	1	B3
222	PSICOLOGIA CLÍNICA	1	B3
223	REVISTA ANTHROPOS	1	B3
224	REVISTA BRASILEIRA DE INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	1	B3
225	REVISTA CRÍTICA MARXISTA	1	B3
226	REVISTA DA ESPM	1	B3
227	REVISTA DE HUMANIDADES	1	B3
228	TECHNOETIC ARTS	1	B3
229	TEXTO DIGITAL UFSC	1	B3
230	VEREDAS	1	B3
231	VIBRANT	1	B3
232	REBEJ	1	B3
233	REVISTA BRASILEIRA DE EPIDEMIOLOGIA (IMPRESSO)	1	B3
234	REVISTA BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO	1	B3
235	CADERNOS DE COMUNICAÇÃO	1	B4
236	CANADIAN JOURNAL OF COMMUNICATION	1	B4
237	CIÊNCIAS SOCIAIS UNISINOS	1	B4
238	ESPORTE E SOCIEDADE	1	B4
239	ESTUDOS DE JORNALISMO E RELAÇÕES PÚBLICAS	1	B4
240	FÓRUM DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	1	B4
241	HYPNOS	1	B4
242	INDEX COMUNICACIÓN	1	B4
243	INTERSCIENCE PLACE	1	B4
244	LINHAS	1	B4
245	MARGEM	1	B4
246	NUEVAAMERICA	1	B4
247	PUNTO CERO	1	B4
248	REBECA	1	B4
249	REPRESENTATION	1	B4
250	REVISTA E.PÓS	1	B4
251	SALA PRETA	1	B4
252	SEMATA	1	B4
253	SIGN SYSTEMS STUDIES	1	B4
254	REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO URBANA	1	B4
255	REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA	1	B4
256	CADERNOS DE PESQUISA KINORUSS	1	B5
257	CADERNOS FACULDADES INTEGRADAS SÃO CAMILO	1	B5
258	CASA	1	B5
259	CENÁRIOS: REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM	1	B5
260	EDUCAÇÃO GRÁFICA	1	B5
261	ESFERA	1	B5

(continua)

262	ESTUDIOS SOBRE CINE Y ARTES AUDIOVISUALES	1	B5
263	IARA: REVISTA DE MODA, CULTURA E ARTE	1	B5
264	INTERNATIONAL JOURNAL OF SIGNS AND SEMIOTIC SYSTEMS	1	B5
265	LASA FORUM	1	B5
266	NÚMERO	1	B5
267	PENSAMIENTO DE LOS CONFINES	1	B5
268	POLÍTICA DEMOCRÁTICA	1	B5
269	PRAGMATIZES	1	B5
270	PRISMA.COM	1	B5
271	REVISTA BRASILEIRA DE FUTEBOL	1	B5
272	REVISTA DE HISTÓRIA	1	B5
273	TRÍPODOS	1	B5
274	VIVENCIA	1	B5
275	REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO	1	B5
276	REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DA EMOÇÃO	1	B5
277	#10.ART	1	C
278	ANUÁRIO UNESCO DE COMUNICAÇÃO REGIONAL	1	C
279	BAHIA ANÁLISE E DADOS	1	C
280	CADERNOS TEMÁTICOS DA CONSEG	1	C
281	CARTA FUNDAMENTAL	1	C
282	COMUNICAÇÃO 360 GRAUS	1	C
283	FILME CULTURA	1	C
284	INSIGHT INTELIGÊNCIA	1	C
285	INTELIGÊNCIA EMPRESARIAL	1	C
286	INTERACCIÓN	1	C
287	INTERAÇÕES	1	C
288	LA FUGA: REVISTA DE CINE	1	C
289	NOVÁTICA	1	C
290	PASSAGES DE PARIS	1	C
291	PERIFERIA	1	C
292	PERSPECTIVA	1	C
293	REVISTA HISTÓRIA E LUTA DE CLASSES	1	C
294	RIO PESQUISA	1	C
295	SCIENTIFIC AMERICAN	1	C
296	SIEGENER PERIODICUM ZUR INTERNATIONALEN EMPIRISCHEN LITERATURWISSENSCHAFT	1	C
297	SINOPSES	1	C
298	TEIAS	1	C
299	VERSUS: REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DO CCJE/URFJ	1	C
300	SEMIOFERA	1	C
301	SESC LITERATURA EM REVISTA	1	C
302	ANAIS DA JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS	1	--
303	ANOS 90	1	--
304	ANTARES: LETRAS E HUMANIDADES	1	--

(continua)

305	ARQUIPÉLAGO	1	--
306	BOLETIM	1	--
307	CADERNO DA JORNADA DO CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PEIRCEANOS	1	--
308	CADERNOS DE PESQUISA EM LITERATURA	1	--
309	CAHIERS ALHIM	1	--
310	CIÊNCIA E COGNIÇÃO	1	--
311	COMMUNICATION, POLITICS AND CULTURE	1	--
312	COMUNICAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO	1	--
313	COMUNICACIÓN Y MEDIOS	1	--
314	CONTRATEMPO	1	--
315	CONTRATEXTO	1	--
316	CRITICAL DICTIONNARY OF GLOBALISATIONS	1	--
317	CULTURA E ENSAIOS	1	--
318	DEF_GHI COMUNICACIÓN Y ARTE	1	--
319	EDUCAÇÃO EM LINHA	1	--
320	ENSINO SUPERIOR UNICAMP	1	--
321	EUR POLIT SCI REV	1	--
322	FASHION THEORY: REVISTA MODA, CORPO, CULTURA	1	--
323	FÓRUM	1	--
324	FUTEBOL, IMPRENSA E MEMÓRIA	1	--
325	GEOPOLITC	1	--
326	GV EXECUTIVO	1	--
327	HARVARD INTERNATIONAL JOURNAL OF PRESS/POLITICS	1	--
328	HIPERTEXTO	1	--
329	I OFFICINA	1	--
330	IASPM JOURNAL	1	--
331	IDE	1	--
332	IMAGE FORUM	1	--
333	IMAGOGRAFIA	1	--
334	IMPRESIÓN GRÁFICA	1	--
335	INFORMAÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE (ONLINE)	1	--
336	INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO	1	--
337	INTERNATIONAL JOURNAL OF CULTURAL RESEARCH	1	--
338	JOURNAL OF URBAN TECHNOLOGY	1	--
339	KINETOSCOPIO	1	--
340	LA INSIGNIA	1	--
341	LA PUERTA FBA	1	--
342	LEITURAS COMPARTILHADAS	1	--
343	LINHA D'ÁGUA	1	--
344	LITERATURA SCRIPTA	1	--
345	LIVROS, LEITURAS E ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO	1	--
346	LUDICAMENTE	1	--
347	MEDITERRANEAN JOURNAL OF SOCIAL SCIENCES	1	--
348	MEMÓRIAS CONGRESSO ALAS	1	--

(continua)

349	NOVA PERSPECTIVA SISTÊMICA	1	--
350	NOVOS ESTUDOS	1	--
351	NUESTRA AMERICA	1	--
352	PALABRA CLABE	1	--
353	PENSAMIENTO LATINOAMERICANO Y ALTERNATIVO	1	--
354	PEQUENA MORTE	1	--
355	POLITICAL STUDIES (IMPRESSO)	1	--
356	PRAIA VERMELHA	1	--
357	PÚBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO OBSERVATÓRIO DAS ACTIVIDADES CULTURAIS	1	--
358	RÁDIO-LEITURAS	1	--
359	RECETC	1	--
360	RELIGIÃO E CULTURA	1	--
361	REVIEW: LITERATURE AND ARTS OF THE AMERICA	1	--
362	REVISTA CHILENA DE ANTROPOLOGIA VISUAL	1	--
363	REVISTA COLOMBIANA DE SOCIOLOGÍA	1	--
364	REVISTA CONHECIMENTO ONLINE	1	--
365	REVISTA D'ART	1	--
366	REVISTA DE CIENCIAS SOCIALES Y DE LA COMUNICACIÓN	1	--
367	REVISTA DE CULTURA AUDIOVISUAL	1	--
368	REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO	1	--
369	REVISTA DE ESTUDIOS SOCIALES	1	--
370	REVISTA DE FILOSOFIA	1	--
371	REVISTA DE INVESTIGACIONES POLÍTICAS Y SOCIOLOGICAS	1	--
372	REVISTA DEL CENTRO DE INVESTIGACIONES EN CIENCIAS SOCIALES Y ARTES	1	--
373	REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS HUMANAS DA UFSM	1	--
374	REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS- GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO	1	--
375	REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIA POLÍTICA	1	--
376	REVISTA EXISTO.COM	1	--
377	REVISTA GESTIÓN CULTURAL	1	--
378	REVISTA INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN Y ESTUDIOS CULTURALES	1	--
379	REVISTA INTERPROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO CENTRO-OESTE	1	--
380	REVISTA ONLINE DO MASTER DE ESCRITURA DE GUIÓN PARA CINE Y TELEVISIÓN	1	--
381	REVISTA VIRTUAL HISTORICIDADE	1	--
382	SAGE OPEN	1	--
383	SCIENCE & MOTRICITÉ	1	--
384	SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO DO BANCO DO BRASIL	1	--
385	SEMIOTIC INQUIRY	1	--
386	SOCCER AND SOCIETY	1	--
387	SOCIÉTÉS ET REPRÉSENTATIONS	1	--

(conclusão)

388	TELEVISION AND NEW MEDIA	1	--
389	TEXTO DIGITAL UERJ (ONLINE)	1	--
390	TRANSDISCIPLINARITY IN SCIENCE AND RELIGION	1	--
391	TRÍADES EM REVISTA	1	--
392	VERACIDADE (IMPRESSO)	1	--

Fonte: Elaborado pelo autor.